



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

RODRIGO CAETANO ANDREU

**A ABORDAGEM PSICANALÍTICA DE WALTER BENJAMIN
NA INTERPRETAÇÃO DA LÍRICA BAUDELAIRIANA
EM *AS FLORES DO MAL***

São José do Rio Preto

2017

RODRIGO CAETANO ANDREU

**A ABORDAGEM PSICANALÍTICA DE WALTER BENJAMIN
NA INTERPRETAÇÃO DA LÍRICA BAUDELAIRIANA
EM *AS FLORES DO MAL***

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria e Estudos Literários).

Orientador: Prof. Dr. Orlando Nunes de Amorim

São José do Rio Preto

2017

Andreu, Rodrigo Caetano.

A abordagem psicanalítica de Walter Benjamin na interpretação da lírica baudelairiana em *As flores do mal* / Rodrigo Caetano Andreu. -- São José do Rio Preto, 2017
79 f.

Orientador: Orlando Nunes de Amorim
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura francesa - Séc. XIX - História e crítica. 2. Poesia francesa - Séc. XIX - História e crítica. 3. Análise do discurso literário. 4. Criação (Literária, artística, etc.) 5. Baudelaire, Charles, 1821-1867. *As flores do mal* - Crítica e interpretação. 6. Mecanismos de defesa (Psicologia) I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 840-1.09"18"

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

RODRIGO CAETANO ANDREU

**A ABORDAGEM PSICANALÍTICA DE WALTER BENJAMIN
NA INTERPRETAÇÃO DA LÍRICA BAUDELAIRIANA
EM *AS FLORES DO MAL***

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biotecnologia, Letras e Ciências Exatas da
Universidade Estadual Paulista, Campus de
São José do Rio Preto, para obtenção do título
de Mestre em Letras (Área de Concentração:
Teoria e Estudos Literários).

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Orlando Nunes de Amorim
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a Dr^a Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas
UNESP – Araraquara

Prof. Dr. Márcio Scheel
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
23 de fevereiro de 2017

RESUMO

Este trabalho consiste no estudo do trabalho de análise e interpretação proposto por Walter Benjamin no seu projetado livro *Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado*, especificamente no capítulo "Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire", em que a criação poética é destacada como mecanismo de defesa. Na interpretação de Benjamin, o poeta Baudelaire, ao se sentir ameaçado e constrangido pelas adversidades repressivas do corpo social, defende-se na e com a poesia que escreve. Nesse âmbito, o próprio poeta se intitula um "esgrimista", que se utiliza do seu material de trabalho, o lápis e a caneta, como armas de defesa no duelo contra os percalços externos de uma sociedade que sofreu com as contradições pós-revolução industrial, principalmente no que diz respeito à exploração da força de trabalho dos empregados das indústrias e suas consequências sociais. Tal interpretação resultou na formulação do conceito de experiência de choque, de que nos valemos como *medium* de reflexão para compreender outra: a análise benjaminiana da experiência anterior e posterior ao excesso de estímulos sofridos pelo homem da modernidade. Tendo por base essa perspectiva, também investigamos a criação poética a partir da relação existente entre a poeticidade de Baudelaire e a tese freudiana, vinculada à psicanálise, cuja principal premissa é a existência de um mecanismo de defesa por parte da consciência humana em face aos estímulos externos e internos. Com isso, entendemos a maneira como Benjamin encarou a composição de Charles Baudelaire em todas as nuances da estruturação psicológica do indivíduo. Dentro dessa proposta, os instrumentos teóricos essenciais à realização da pesquisa estão ligados, de um modo geral, às relações que se estabelecem entre a criação poética, a análise histórica concomitante à vida do poeta e aspectos pontuais da teoria freudiana e de seus seguidores sobre os mecanismos de defesa. Assim, notamos que o projetado livro de Walter Benjamin, com sua estilística interpretativa própria e inovadora, perpassa as mais distintas faces da modernidade, possibilitando uma crítica pautada na percepção e compreensão da realidade pelas lentes das vertentes sociológica e psicanalítica.

Palavras-chave: Walter Benjamin. Sigmund Freud. Criação poética. Experiência de choque. Mecanismos de defesa

ABSTRACT

This work consists in the work of analysis and interpretation proposed for Walter Benjamin, in your project book Charles Baudelaire a poet in advanced capitalism, specifically in chapter about some reasons in the work of Baudelaire, in which the poetic creation is highlighted as defense mechanisms. To Benjamin, when he feels threatened and uncomfortable for adversarial repressive of body social, Baudelaire defends himself with his poetry which he writes. In this context on poet himself is called a "fighter" which uses the work material, pencil and pen as defensive weapons in the duel against external mishaps of a society that suffered from post industrial revolution contradictions, mainly in what respect of exploration of the force to work of employees of industries and its consequences social. Such interpretation resulted in formulation concept of shock experience that we will use as a medium of reflection to understand another: benjaminian analysis of previous experience and after the excess stimuli suffered by the man in modernity. Based on this perspective also investigate the poetic creation from the relationship between will psychoanalysis, whose main premise is the existence of a defense mechanism of the human consciousness in relation to external stimuli and internal. We understand the way Benjamin studied at Charles Baudelaire composition in all the nuances of the individual psychological structure. In this proposal, essential theoretical tools will carry out the research are linked, in general, the relations established between the poetic creation, historical concomitant analysis of the poet's life and specific aspects of Freud's theory and his followers on the defense mechanism. Thus we note that the book Walter Benjamin: Charles Baudelaire a poet in advanced capitalism, with its own innovative interpretive stylistic runs through the most different faces of modernity, allowing a critical guided by the reality show through the lens of the sociological and psychoanalytical aspects.

Keywords: Walter Benjamin. Sigmund Freud. Poetic creation. Shock experience. Defense mechanism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – PSICANÁLISE E TEORIA CRÍTICA	12
1.1. A fundação de uma ciência	12
1.2. O discurso lógico e a psicanálise	15
1.3. A linguagem do inconsciente e sua interpretação	20
1.4. Teoria crítica e o conceito de totalidade	26
1.5. Imagem de pensamento e sobredeterminação	29
CAPÍTULO 2 – A EXPERIÊNCIA DO CHOQUE: UMA VIA PARA A PULSÃO DE MORTE	32
2.1. Compreendendo o psiquismo	32
2.2. Experiência e Memória	37
2.3. Ruminar e elaborar	40
2.4. Peripato e flânerie	42
2.5. O choque e a transformação da experiência	44
2.6. A teoria das pulsões	47
2.7. Depressão e agressividade	49
CAPÍTULO 3 – A EXPERIÊNCIA DO CHOQUE E OS MECANISMOS DE DEFESA	53
3.1. A personalidade do esgrimista	53
3.2. Critérios de normalidade	56
3.3. O mal-estar na modernidade	59
3.4. Dandismo e resistência	63
3.5. Melancolia e angústia	65
3.6. Angústia e realidade	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

INTRODUÇÃO

*O Poeta se compara ao príncipe da altura
Que habita os vendavais e ri da seta no ar;
Exilado no chão, em meio à turba obscura,
As asas de gigante impedem-no de andar.*

Charles Baudelaire

A crítica literária contemporânea cada vez mais vem assimilando os trabalhos de Walter Benjamin. Textos como “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1994) e *Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado* (2006) tornaram-se leituras indispensáveis para a compreensão das novas técnicas ficcionais que expressam o homem. Isto porque, nessas e em outras obras, Benjamin observa tanto as mudanças originadas do novo modo de produção, próprio do capitalismo, quanto as respostas subjetivas que foram dadas em oposição a esta nova ordem.

Dentro dessa perspectiva, procuramos analisar e problematizar os apontamentos feitos por ele acerca da transformação da percepção e da expressão literária do indivíduo. Daí a necessidade de compreendermos os conceitos que remetem à tradição, como, por exemplo, a sabedoria e a experiência, a partir dos quais o filósofo estrutura um arcabouço a partir do qual realiza a construção de seus argumentos. Tal fundamentação, referente a períodos anteriores ao inexorável estabelecimento do que o próprio Benjamin chamou de capitalismo avançado, serve como contraste para a nova experiência do sujeito da Modernidade, que Benjamin sintetizará no conceito de experiência de choque.

Neste momento, cabe delinear o que compreendemos por tradição e por modernidade. Vemos a tradição como a herança cultural em que as crenças, as técnicas e a sabedoria de um povo são transmitidas de geração a geração. Uma transmissão que adquire suas forças na aceitação do conhecimento do passado como sendo algo verdadeiro, o que, na obra de Walter Benjamin, vem representado pela figura do narrador, entendido como o elo que possibilita, através da assimilação

da experiência do passado coletivo e individual, a comunicação entre gerações¹. No caso da Modernidade, é com o Iluminismo e com a revolução industrial que aparecem os aspectos mais importantes para as nossas reflexões, isto é, a contestação de dogmas religiosos e políticos pelo uso crítico da racionalidade², em que a busca da desvinculação com o passado gerou a confiança em conhecimentos que expressam o atual, o moderno, bem como, no que se refere à economia, a mudança do modo de produção, que possibilitou novas relações de trabalho e convívio entre os homens. “De fato, pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem 'tradicional', herdada e recebida; em que 'ser' significa um novo começo permanente”. (BAUMAN, 1998, p. 19).

Neste sentido, optamos por uma análise que observe os “desdobramentos” dos textos estudados; em outras palavras, uma abordagem metodológica que, diante de um objeto histórico, pudesse atentar para as nuances das transformações, elucidando, assim, o diálogo com a tradição, tanto entre as novas ideologias, quanto entre as novas descobertas do Homem, a saber: a filosofia do romantismo alemão, que procurou observar os fenômenos em processo, ou seja, em seu desdobramento.

Tal abordagem, como veremos, é o que também caracteriza os trabalhos do filósofo estudado. Ao entrarmos em contato com as constatações e conclusões de Walter Benjamin, de imediato, verificamos uma forte presença de métodos de análise que balizam suas afirmações. Dentre eles estão aqueles que procuram observar os fenômenos a partir do âmbito das contradições. De fato, em toda a sua obra, a análise do processo dos fenômenos encontra respaldo na filosofia do romantismo alemão, que procura observar os desdobramentos que deram origem a

¹ No que se refere aos trabalhos de Sigmund Freud, que abordaremos principalmente no capítulo 1 – Psicanálise e Teoria Crítica, a tradição está associada às teorias que antecipam a psicanálise, tanto no campo da terapia, quanto no campo das correntes filosóficas. Já na poesia de Charles Baudelaire, que estudaremos com mais atenção no capítulo 3 – A Experiência do Choque e os Mecanismos de Defesa, a relação com a tradição se dá na diversificação das temáticas e da estilística de seus poemas.

² No texto “Que é Esclarecimento?”, de Immanuel Kant, o uso da razão e o posicionamento crítico perante os dogmas do passado são muito bem explicitados: “O Esclarecimento é a saída do homem da condição de menoridade autoimposta. Menoridade é a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a orientação de um outro. Esta menoridade é autoimposta quando a causa da mesma reside na carência não de entendimento, mas de decisão e coragem em fazer uso de seu próprio entendimento sem a orientação alheia. *Sapere aude!* Tem coragem em servir-te de teu próprio entendimento! Este é o mote do Esclarecimento.” (KANT, 2007, p. 95). Esta definição de esclarecimento (Iluminismo), que sintetiza os ideais do século XVIII, auxilia-nos na compreensão da busca por autonomia do sujeito desse período, o que possibilitou a desvinculação de tudo aquilo, relativo ao passado, que supostamente prejudicasse essa autonomia.

todo e qualquer objeto, ao mesmo tempo em que valoriza o ímpeto e a força das sensações.

No intuito de ressaltarmos a importância da obra de Walter Benjamin, não podemos nos esquecer de que seu anseio era o de se tornar o maior crítico literário de sua época; para isso, teve de conceber a literatura e sua interpretação crítica como fenômenos em processo. Assim, o método dialético, visto em sentido amplo, com sua atenção ao desdobrar dos acontecimentos históricos, tanto estéticos quanto econômicos, tornou-se imprescindível para tal propósito.

Em contrapartida, a psicanálise trouxe o embasamento necessário para o entendimento das aflições psíquicas do indivíduo, decorrentes das transformações sociais. Ora, a experiência do choque, conceito que analisaremos minuciosamente no decorrer deste trabalho e que sintetiza a relação do sujeito moderno e contemporâneo com as severas imposições sociais, não poderia ser formulada sem a utilização desta nova metodologia, que entende a constituição do aparelho psíquico como “camadas” ou “instâncias” nas quais uma das funções é a preservação da integridade e do equilíbrio emocional.

Nesse sentido, procuramos estudar o modo como Walter Benjamin se utiliza de instrumentais psicanalíticos para compreender a poética baudelairiana e, conseqüentemente, o sujeito da Modernidade. No seu projetado (mas não concluído) livro *Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado*, especificamente no capítulo “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, encontramos alusão à teoria freudiana sobre a memória, da qual Benjamin coleta os pressupostos para a formulação do conceito de experiência de choque. O argumento baseia-se na ideia de que, quanto mais estímulos o aparelho psíquico recebe, mais superficiais e restritas às camadas defensivas serão as experiências dos indivíduos. Devido ao exagero de estímulos, o aparelho não encontra tempo para distender e relaxar sua atenção, fazendo com que todos os estímulos, perniciosos ou não, deixem de acessar a parte mais recôndita da mente, diminuindo, deste modo, a capacidade de elaboração e incorporação desses estímulos na experiência individual e transformando a “experiência elaborada”³ do indivíduo em experiência de choque. Nesses termos, para que ocorra a poetização da

³ Tomamos a liberdade de conceituar este tipo de experiência como “experiência elaborada” para o fim prático de distingui-la da experiência do choque. Por “experiência elaborada”, compreendemos a assimilação e elaboração, por parte do aparelho psíquico, dos estímulos que acometem nossa percepção.

modernidade, isto é, a ordenação em formas poéticas de temas decorrentes da modernidade, o poeta necessita de uma “constituição heroica” ao assimilar o ritmo vertiginoso da nova sociedade em formação, vislumbrada por Benjamin no entrechoque das pulsões do indivíduo com a repressão do superego e da sociedade. Baudelaire seria, portanto, o primeiro grande poeta da modernidade a plasmar as novas angústias e temáticas a partir dos estímulos frenéticos que passaram a acometer a percepção do indivíduo após a grande revolução industrial, que alterou profundamente o modo de produção e as relações sociais no século XIX.

O que desperta nosso interesse pela crítica de Walter Benjamin é a maneira peculiar como ele redireciona a atenção para a recepção dos estímulos, diferentemente da maioria dos críticos psicanalíticos, que buscam o auxílio da psicanálise somente para interpretar a linguagem do inconsciente, sem se ater aos modos de resistência do ego. Ao elucidar a experiência do choque como sendo um excesso de estímulos recebido pelo aparelho psíquico, o filósofo singra a investigação acerca da poesia de Baudelaire por um novo campo de análise, em que a crítica literária toma maior consciência da Poética praticada na Modernidade.

Para fins práticos de ordenação, buscamos subdividir os capítulos de acordo com o que é mais geral e, progressivamente, pontuar suas particularidades, a saber: discorrer sobre as dificuldades encontradas na utilização da psicanálise para a interpretação de textos literários para, em seguida, esmiuçar, a partir das reflexões de Benjamin, o conceito de experiência de choque, tanto no que se refere ao âmago do nosso psiquismo, ou seja, a memória e as pulsões, quanto no que se refere ao aparato utilizado em defesa de nossa integridade, que se encontra na instância do ego.

Sendo assim, no primeiro capítulo problematizamos a relação entre a psicanálise e a tradição anterior a ela, com base, principalmente, no trabalho de Ortega y Gasset, *Psicanálisis, Ciencia Problemática* (1983), e no de Peter Gay, *Freud para Historiadores* (1989), bem como sua aplicabilidade aos estudos literários, utilizando o estudo *Literatura e Psicanálise: A Desligação* (1983), de André Green, para pontuar as limitações dessa nova ciência⁴, sem deixar de ressaltar a

⁴ Cabe aqui ressaltar que, embora Freud tenha tentado estruturar a psicanálise como ciência no início de seus trabalhos, a exemplo do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1976), para muitos, ela se apresenta, muito mais, como um método epistemológico-hermenêutico do que propriamente uma ciência. Neste trabalho, mantemos o termo “ciência”, principalmente pela importância dele para a compreensão do diálogo com as obras citadas.

contribuição e o revigoramento de temas trazidos pelo redirecionamento do foco das análises literárias pelo seu novo instrumental interpretativo, expresso principalmente no livro *A Interpretação dos Sonhos* (1976) de Sigmund Freud. Além disso, não podemos deixar de observar que tal redirecionamento, aplicado de modo parcimonioso, possibilitou à teoria crítica sintetizar a compreensão do indivíduo moderno e contemporâneo dentro do contexto em que está inserido, isto é, na sua inter-relação com os outros indivíduos e no todo social. Portanto, ao elucidarmos as novas possibilidades decorrentes do método psicanalítico e sua utilização pelos pensadores da chamada Escola de Frankfurt, alcançamos maior eficácia em nossos desdobramentos sobre a experiência de choque.

Em seguida, nossos comentários são pautados nas reflexões feitas por Benjamin sobre a memória e o inconsciente, procurando estender, com base nas conclusões a que chega Freud em *Além do Princípio de Prazer* (2010) e Maria Rita Kehl em *O tempo e o Cão* (2009), os possíveis efeitos da experiência de choque, isto é, a propensão a patologias e atitudes regidas pela pulsão de morte.

Por fim, analisamos a dinâmica entre as pulsões e o “ego”, que procura restringir, através de “mecanismos de defesa”, o comportamento pulsional. Nesse sentido, buscamos nos textos de Anna Freud, *O ego e os mecanismos de defesa* (2006), e Wilhelm Reich, *Análise do caráter* (1998), que avançam nos estudos sobre a resistência e os mecanismos de defesa elaborados por Freud, o amparo necessário para um entendimento mais acurado da análise de Benjamin acerca da Poética da Modernidade representada pelo poeta Charles Baudelaire. Assim, entendemos com mais profundidade as tensões presentes na criação poética de Baudelaire.

CAPÍTULO 1 – PSICANÁLISE E TEORIA CRÍTICA

Reflexión, ciencia es purificación de lo espontáneo, psíquico.

Ortega y Gasset

1.1. A fundação de uma ciência

Na história da filosofia, é comum observar-se que avanços em ciências particulares redirecionam o foco do pensamento. Descobertas nos campos da astronomia, da física, da biologia ou da antropologia, entre outros, trazem novos elementos e motivos que ampliam o debate dos tradicionais temas filosóficos. Com a psicanálise não foi diferente: todo o seu instrumental técnico de análise (a utilização da associação-livre, a observação dos lapsos de memória, do chiste, da resistência, da transferência e da contratransferência, bem como a formulação de conceitos como o de Complexo de Édipo) permitiram novas interpretações do inconsciente, possibilitando que antigos problemas filosóficos fossem postos em outro patamar de reflexão. Temas como a relação entre mente e corpo, a formação da personalidade, a moralidade, e também discussões sobre questões estéticas, foram revigorados⁵.

Com o propósito específico de curar pacientes que sofriam de patologias cujas causas eram desconhecidas, Freud enveredou pelos mistérios do inconsciente, na tentativa de trazer respostas ao que apenas de um ponto de vista somático não era possível responder. Suas conclusões, de que traumas psicológicos poderiam ser a causa de disfunções motoras, contrariavam a tradição médica (de posicionamento positivista), cuja análise das doenças estudadas só vislumbrava

⁵ Apesar disso, não é demais lembrar a ressalva feita por Dante Moreira Leite sobre os principais problemas de uma nova ciência, decorrentes da tentativa de torná-la universal: “As ciências, como os indivíduos, têm uma fase juvenil de afirmação criadora e de luta pela independência. Tal como ocorre com os jovens, essa busca de liberdade se manifesta, frequentemente, através do domínio dos outros e da conquista. Quando, no século XVII, Descartes descobre o valor do método matemático, pretende subordinar todos os conhecimentos à *mathesis universalis*; não se contenta com um método para todas as ciências, e procura mostrar a possibilidade de provar, geometricamente, a existência de Deus. Na sua fase de maturidade, no entanto, a matemática tornou-se muito mais modesta; aceita as suas verdades como criações independentes do mundo físico embora capazes de oferecer um instrumento para o conhecimento da realidade objetiva.” (LEITE, 2002, p. 21).

causas físicas para fenômenos também físicos. A posição aparentemente paradoxal adotada por Freud entrou em choque com a postura metodológica praticada por seus colegas médicos. Para muitos, era um *erro categorial*⁶ atribuir a algo concreto causas abstratas. Em toda a obra de Freud, essas tensões retornam como dificuldades metodológicas a serem superadas, tanto em questões relativas à prática analítica quanto à crítica feita por seus leitores.

De acordo com essas dificuldades, desencadeadas pela investigação analítica, a teoria freudiana não poderia prescindir do amparo de outras tradições, correndo o risco de não solucionar os problemas apresentados durante seu desenvolvimento. Como se fosse necessário, a cada nova problemática, recorrer ao auxílio mais condizente com a possível solução. Notadamente suas incertezas e resoluções baseavam-se em dificuldades de cunho empírico ou filosófico. Por isso, podemos dizer que sua técnica não rompeu totalmente com outros métodos de investigação e carrega em si a influência de abordagens que a auxiliaram em suas limitações. Ora, se houvesse um total rompimento com outras metodologias, a psicanálise, com seus novos tratamentos e métodos de análise do inconsciente, deveria necessariamente se sustentar sozinha; em contrapartida, o que vemos é a constante solicitação de abordagens racionalistas e positivistas, no campo da experimentação científica, e lógica, no campo da argumentação filosófica. Sendo assim, ao elucidar essa questão, teremos uma maior compreensão do risco de ocorrência de interpretações equivocadas e superficiais que, muitas vezes, envolve a análise psicanalítica de textos literários. Pois somente uma análise histórica, que se detenha no diálogo dessa metodologia com a tradição, poderá fazer-nos refletir sobre sua utilização de forma consciente.

Tomando como ponto de partida seu criador, é importante atentarmos para sua formação profissional. Freud formou-se médico, participando ativamente em pesquisas no campo da fisiologia e, posteriormente, no tratamento de transtornos mentais, área em que desenvolveu uma apuração investigativa de caráter positivista. Apesar de descobrir novas possibilidades de explicação para essas doenças, que se opunham às conclusões e ao tratamento tradicional, ainda manteve muito de seu modo de fazer medicina e ciência, trazendo consigo todo um arsenal metodológico

⁶ Confusão de gêneros. Na lógica aristotélica, o erro categorial acontece quando não se respeita o princípio da incomunicabilidade dos gêneros. Por exemplo: a categoria ou gênero quantitativo não pode ser confundido com o qualitativo, ou a espacialidade com a temporalidade.

utilizado em suas antigas pesquisas, embora fosse um visionário que vislumbrava novos campos passíveis de exploração. Nesse sentido, e destacando Freud como iniciador solitário de um movimento, o filósofo espanhol Ortega y Gasset, no artigo "Psicanálisis, Ciencia Problemática" (1983), relaciona-o ao *robinsonismo*, conceito que, em sua língua, tem o significado de desbravador ingênuo, mas, ao mesmo tempo, ousado, pois, apesar da falta de rigor em consultar o que dizia a tradição médica acerca dos desafios surgidos na investigação, ilumina, com soluções e teorias espontâneas, temas e problemas clássicos, merecendo perdão pela sua ausência de policiamento.

Isso não significa que Freud tenha se desvinculado totalmente da tradição anterior a ele; possivelmente Ortega y Gasset conceba a obra de Freud apartada somente da tradição filosófica⁷. Não podemos esquecer o fato de que Freud recebeu uma educação pautada nos princípios positivistas da tradição médica, que, se não trouxe a ele um rigor acerca dos tradicionais temas filosóficos, orientou-o, por outro lado, para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Certos instrumentais, como relatórios das experiências analíticas, discussões de casos com outros psicanalistas e a supervisão, são indícios de um apuro no trato com os dados surgidos na prática da psicanálise. Nesses termos, Peter Gay faz um interessante comentário:

Profundamente educado nos métodos e pressupostos da ciência positivista, dificilmente se precisaria contar a Freud que as proferições dos analisandos oferecem obstáculos tanto empíricos quanto lógicos para sua comprovação. (GAY, 1989, p. 68)

Tais instrumentais supracitados, que caracterizam o trabalho do psicanalista, são traços específicos das ciências empíricas, servindo como critérios de aceitação para suas conclusões, superando os "obstáculos empíricos" causados pelas

⁷ Em *A história do movimento psicanalítico*, Freud tece comentários sobre a independência de suas teorias das reflexões de alguns filósofos que o antecederam: "A teoria da repressão sem dúvida alguma ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank nos mostrou um trecho da obra de Schopenhauer *World as Will and Idea* na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com meu conceito de repressão, que mais uma vez devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser muito lido. Entretanto, outros leram o trecho e passaram por ele sem fazer esse descoberta e talvez o mesmo tivesse acontecido a mim se na juventude tivesse tido mais gosto pela leitura de obras filosóficas. Em anos posteriores neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de ideia antecipatória, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise. Tive portanto de me preparar - e com satisfação - para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição." (FREUD, 1978, p. 45)

proferições dos analisandos. É possível notar, na análise freudiana, que uma preocupação racionalista perpassa cada nova descoberta, dando-lhes sustentabilidade. As bases do positivismo e do método cartesiano, encontradas no *Discurso do método* (1973), estão presentes no seu trabalho: a evidência (certeza, ideias claras e distintas), a análise (fragmentação dos problemas observados), a síntese (tratamento dos fenômenos a partir dos mais simples até os mais complexos) e a enumeração (revisões necessárias) são componentes indispensáveis para sua elaboração, pois seria inconcebível, por exemplo, um relatório sem o discernimento de ideias claras, tópicos e conclusões, bem como a discussão de um caso clínico sem análises e revisões dos problemas apresentados. Diante disso, podemos dizer que a técnica da psicanálise revela novos elementos de composição bruta e que, devido a isso, precisam ser purificados e ordenados, posto que, de outro modo, a simples revelação desses elementos não se sustentaria sozinha como comprovação de uma hipótese. Cabe-nos, agora, discorrer sobre os “obstáculos lógicos”.

1.2. O discurso lógico e a psicanálise

Ao analisarmos a utilização do método psicanalítico para a interpretação de textos literários, é relevante ter em mente a ordem experimental e argumentativa desse método. Algumas de suas hipóteses, referentes a casos clínicos, podem ser comprovadas empiricamente⁸; outras como a investigação de textos literários, se enquadram na esfera da argumentação lógica, ou seja, do discurso plausível. Aqui se insere a grande ruptura, ou melhor, o que discerne as ciências, no sentido moderno, que utilizam principalmente comprovações factuais, da área das Ciências Humanas, cuja primazia é a do discurso argumentativo.

Porque no es propiamente una cuestión de medicina la que plantean las ideas de Freud; a ser tal yo no podría ocuparme de ellas, sino um

⁸ A esse respeito, Peter Gay lembra que os experimentos com taquistoscópio (aparelho que expõe palavras medindo o tempo de sua exposição) comprova que muitos pacientes, ao escutarem palavras carregadas de conotação emocional, como “família”, reagem a elas com mais ansiedade do que a outras menos ambíguas, como “prato” ou “pente”.

tema de discusión psicológica, más exactamente aún, de lógica.⁹ (ORTEGA Y GASSET, 1983, p.220).

Desse modo, seguindo as trilhas de Ortega y Gasset, neste momento, limitarmos-nos ao caráter lógico da teoria psicanalítica. Levando em consideração que nem toda hipótese pressupõe garantia de verdade nem de verificação direta, mas somente por suas consequências, ou seja, apresentando-se como uma suposição, um ponto de partida que adquire aceitação devido às conclusões as quais chega. Ao que logicamente pode ser deduzido a partir dela. Assim, podemos dizer que toda suposição e hipótese científica ou filosófica, que não tenha a clareza dos fatos, deve necessariamente se subordinar aos critérios da lógica e da argumentação.

Neste sentido, é importante voltar a atenção principalmente para soluções metodológicas que compreendam a limitação da verificação, mas não a excluam, e que encontrem na lógica o amparo necessário para explicar problemas não passíveis de comprovação empírica.

Tendo em vista os aspectos psicológicos da teoria examinada, o que a discerne das puramente objetivas, recorreremos aos princípios daquelas que mais se aproximam da psicanálise, e que não dispensam a apreciação dos fatos. Assim, levando em consideração a distinção entre as ciências naturais e as ciências humanas, que apresentam objetos diferentes, para o melhor esclarecimento dos aspectos metodológicos psicanalíticos, podemos aproximá-los aos do trabalho do historiador, que, em sua prática, precisa reconstruir e narrar fatos passados, assim como o psicanalista, que a todo o momento busca remontar o passado¹⁰ de seu analisando para apontar as causas primeiras de sua patologia.

Essa aproximação só é possível porque ambas as ciências se deparam com a escassez de elementos que sustentem a evidência dos fatos. No trabalho do psicanalista, sua técnica assume um caráter genealógico, revelando novos dados, que podem ser a chave para uma conclusão coerente na investigação. Quanto à pesquisa histórica, a obtenção de novos dados muitas vezes se ampara no auxílio de outras ciências, a exemplo da arqueologia e da filologia. É nesse sentido que o historiador Peter Gay vislumbra a possível contribuição da psicanálise para a investigação histórica, pois ela pode, através da exploração do inconsciente e das

⁹ Porque não é propriamente uma questão de medicina a que baseiam as ideias de Freud; se fosse eu não poderia ocupar-me delas, se não um tema de discussão psicológica, mas exatamente ainda, de lógica.

¹⁰ Embora na psicanálise esse passado, que constitui a memória do indivíduo, também faça parte do presente. Sobre isso, ver o capítulo 2.

intenções dos agentes históricos, descobrir novos elementos que motivem a reinterpretação dos fatos:

Muitos historiadores têm ouvido a música do passado mas a têm transcrito para um simples assobio. Certamente, como já disse antes, os profissionais mais realizados e com maior sensibilidade histórica apreciaram e procuraram reter a enorme diversidade da conduta humana, os encontros do homem com o poder, a tecnologia, a natureza – e consigo mesmo. Mas a história pede explorações mais profundas até do que a deles. O que a psicanálise pode trazer para a determinação do passado é um conjunto de descobertas e um método – falível, testado de forma incompleta, ainda difícil de ser aplicada e ainda assim, estou convencido, o melhor que temos no presente – para registrar as superfícies fragmentadas e o som das profundezas inexploradas da natureza humana. (GAY, 1989, p. 74).

Apesar da coerência de sua proposta, Peter Gay, em *Freud para historiadores* (1989), ressalta a relutância de alguns historiadores em aceitar a psicanálise como método auxiliar para a investigação histórica. Segundo ele, os contestadores da psicanálise utilizam-se da afirmação incisiva de que não se pode psicanalisar os mortos, pois, diferentemente de um paciente, as comprovações das conjecturas sobre a intenção e os desejos dos agentes históricos ficam comprometidas. Ao tomarmos esta afirmação com cautela, podemos chegar à conclusão de que tal atitude dos historiadores é decorrente da escassez de provas, documentos, elementos que amparem e dêem sustentação à tese defendida em seus trabalhos. Por isso, a psicanálise, quando acionada no trabalho historiográfico, necessariamente deve apenas supor novos caminhos e não manifestar suas descobertas como provas definitivas.

Na crítica literária, o problema não é diferente. Como a grande dificuldade do pesquisador que se debruça sobre textos literários é a escassez de dados referentes à feitura da obra tratada – elementos que autorizem conclusões acerca da intenção do autor, ou da análise de personagens fictícios, devido à falta de acesso direto ao seu escritor e ao contexto de sua escrita, por distanciamento temporal e espacial – a comprovação de determinada tese pretendida pode acabar por enfraquecer-se. Assim como o historiador, o crítico literário se vê diante de lacunas¹¹ que precisam

¹¹ Cabe aqui esclarecer um ponto que pode causar ambiguidade. Ao tratar da condensação do conteúdo latente, “conjunto de significações a que chega a análise de uma produção do inconsciente, especialmente do sonho” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 142), Freud utiliza do termo “lacuna” para designar a aparente falta de nexos entre as ideias presentes no conteúdo manifesto, que “designa o sonho antes de ser submetido à investigação analítica, tal como aparece ao sonhador que o relata” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 144): “Si reflexionamos que de las ideas latentes halladas sólo una minoría queda representada en el sueño por uno de

ser preenchidas por meio do desenvolvimento de hipóteses, as quais, em última análise, nunca poderão ser totalmente comprovadas empiricamente, mas aceitas pela comunidade acadêmica devido ao seu rigor lógico-argumentativo.

Um trabalho que pode elucidar o problema lacunar em que se encontram as ciências humanas, devido à escassez de comprovações empíricas, é o livro de Paul Veyne sobre a metodologia da historiografia. Nesse estudo, o critério de plausibilidade lógica reaparece:

[...] como é possível que a síntese histórica seja difícil, que ela se faça progressiva e polemicamente, que os historiadores não concordem com os motivos da queda do Império Romano ou com as causas da guerra de Secessão? Há duas razões para essa dificuldade. Uma, que acabamos de ver, é que se torna difícil delimitar em conceitos a diversidade do concreto. A outra, que veremos agora, é que o historiador só tem acesso direto a uma porção ínfima desse concreto, a que lhe chega pelos documentos de que pode dispor; para todo o resto ele precisa *tapar os buracos*. Esse preenchimento se faz de modo consciente por uma parte muito fraca, que é a das teorias e hipóteses; por uma parte muito maior isso é feito inconscientemente por ser suficientemente claro (o que não significa que seja segura). (VEYNE, 1971, p. 166. Grifos nossos.)

Para Veyne, as hipóteses dos estudos históricos devem ser amparadas pela categoria da *causalidade* (causa e efeito) e pelo que chamou de *retrodição*:

A síntese histórica não é mais do que essa operação de enchimento, chamar-lhe-emos retrodição, pedindo a palavra emprestada a essa teoria do conhecimento lacunar que é a teoria das probabilidades. (VEYNE, 1971, p. 167).

Como vimos, o caráter lacunar a que se refere Veyne não é apenas um problema do historiador, mas de todas as ciências humanas, já que elas tratam de fenômenos fugidios – o que nos autoriza a utilizar suas conclusões metodológicas para a compreensão de ciências que também trabalham com objetos que têm essa mesma característica.

sus elementos de representación, habríamos de concluir que la condensación se verifica por exclusión, no siendo así el sueño una fiel traducción o una proyección, punto por punto, de las ideas latentes, sino una reproducción harto incompleta y llena de lagunas [lacunas] de las mismas. Este juicio es, sin embargo, como pronto veremos, harto equivocado” (FREUD, ..., p.171). Nesta reflexão, notamos que ele critica a ideia de que não existe um nexo entre os elementos do sonho. É importante ressaltar que tal pensamento se diferencia do modo como utilizamos o conceito de “lacuna”, devido ao fato de que, para nós, ela se relaciona à “interpretação” de um objeto e não ao próprio objeto de estudo.

Nos trabalhos freudianos de interpretação dos sonhos, ocorre um procedimento semelhante à retrodicção, aquilo que Freud chama de “elaboração secundária”. Tal procedimento visa a remodelar o sonho, trazendo-o para um discurso mais acessível, isto é, transformá-lo em uma narrativa com maior coerência e passível de compreensão. No *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, temos uma definição clara desse conceito:

Tirar ao sonho sua aparência de absurdo e de incoerência, tapar-lhe os buracos, efetuar uma remodelação parcial ou total dos seus elementos realizando uma escolha entre eles e fazendo-lhe acrescentamentos, procurar criar algo como um devaneio diurno (*Tagtraum*), eis no que consiste o essencial daquilo a que Freud chamou elaboração secundária ou ainda “tomada em consideração da inteligibilidade” (*Rücksicht auf Verstandlichkeit*). (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p.189)

Aqui também encontramos a ideia de preenchimento das lacunas na expressão “tapar-lhe os buracos”. Em suas interpretações do sonho, Freud, assim como o historiador Paul Veyne, observou a necessidade de dar coerência aos elementos avulsos do sonho, e para isso recorre ao discurso ordenado e consciente.

O ato de narrar, em sua essência, remete ao passado; não só o ficcionista¹² e o historiador se vêem diante dessa difícil tarefa de recontá-lo, mas também o psicanalista, com sua busca analítica e explicativa das reminiscências de seus pacientes, e até mesmo o crítico literário, com seu olhar questionador e retroflexo a respeito da composição e do conteúdo cifrado da obra literária. Deste modo, podemos dizer que a categoria lógica de causalidade contribui para a retrodicção dentro das mais distintas ciências humanas, isto é, narrar novamente os fatos ocultos no tempo, com a verossimilhança necessária para a aceitação de algo como verdadeiro. No entanto, se as ciências auxiliares que amparam o trabalho do historiador e do crítico literário apontarem novos caminhos, cabe ao pesquisador incorporá-los, rearranjando os novos dados dentro dessa lógica.

¹² Não podemos deixar de ressaltar o aspecto ficcional que difere esse tipo de narrativa, embora não deixe de ter vínculo com a vida concreta e com a experiência de quem escreve, sendo, portanto, em grande medida, semelhantes à construção das histórias dos pacientes analisados em seções psicanalíticas.

1.3. A linguagem do inconsciente e sua interpretação

Sabemos que a psicanálise facilitou o acesso ao inconsciente: uma obra como a *Interpretação dos sonhos* (1976) seduz seus leitores com ar de mistérios e descobertas, estabelecendo na cultura ocidental a importância do inconsciente nas ações humanas, as quais, até então, eram vistas por alguns pensadores como algo fundamentado e, muitas vezes, restrito ao plano do consciente. Nessa interpretação, Freud se deparou com uma linguagem específica, em que a metáfora, isto é, a expressão figurativa, dominava o discurso. Isso, certamente, chamou a atenção dos estudiosos da literatura, que encontraram nessa similitude um novo caminho para a investigação e a explicação de muitos problemas decorrente de suas leituras.

O discurso do sonho é essencialmente baseado no deslocamento do conteúdo latente para o conteúdo manifesto¹³, em que a natureza instintiva dos desejos ganha representatividade. Na efetivação desse movimento origina-se a condensação em imagens daquilo que é censurado, ou seja, há uma transposição dos desejos reprimidos para um discurso velado, que encontraria na ambiguidade figurativa da condensação a capacidade de se manifestar:

O deslocamento é o mecanismo mais importante para a formação do sonho, dado que é mediante as transferências de intensidade psíquica operadas por ele que os pensamentos latentes podem aceder à consciência, convenientemente disfarçados para iludir a censura. (MEZAN, 1987, p. 81)

Neste processo de deformação que caracteriza o sonho, ocorre uma perda dos elos que aproximam o conteúdo latente do conteúdo manifesto – por isso a necessidade de serem interpretados. Para Freud, essa deformação apresentaria as mesmas características de um sintoma, que, na linguagem psicanalítica, seria a manifestação de um conflito psíquico, um efeito que remeteria a uma causa a ser investigada.

Esse tipo de investigação, quando transportada para a análise de textos literários, procura observar os textos também como um sintoma, investigando as causas de sua manifestação. No que tange à observação de aspectos inconscientes

¹³ No que se refere ao sonho, Freud denomina “conteúdo latente” os elementos revelados pela análise de um conteúdo manifesto, isto é, aquilo que demonstraria a força oculta e instintiva que subjaz a qualquer manifestação onírica, que encontraria, nesta, uma vazão para se expressar. Já o conteúdo manifesto seria o material a ser interpretado, ou seja, o próprio sonho, a história sonhada e relatada pelo paciente.

relativos à formulação de textos e de sua interpretação, são pertinentes as observações de André Green, segundo o qual

A prática literária do crítico psicanalítico visa ao estudo e à interpretação das relações entre o texto literário e o inconsciente (no sentido que a teoria psicanalítica dá a este termo), quer se trate da organização inconsciente do texto, do papel do inconsciente na produção (e no consumo) dos textos, etc. (GREEN, 1983, p. 211).

Neste sentido, a tarefa do crítico psicanalítico seria desvelar, no texto literário, o conteúdo latente que subjaz a qualquer manifestação verbalizada. Tal prática, portanto, se confinaria à interpretação do conteúdo manifesto e dos desejos encobertos pela sua dubiedade metafórica. No texto literário, no entanto, a condensação ou o conteúdo manifesto assumiriam a característica de conversão para a literalidade, para aquilo que torna o discurso uma obra de arte¹⁴. Nesses termos, segundo Green, “a escrita era a passagem” das pulsões¹⁵ ou das forças instintivas para a manifestação verbal, e a leitura, a “descoberta do percurso que constituiu a passagem”.

A relativa congruência entre o discurso onírico e o literário, no que se refere à transformação ou à sublimação de uma energia psíquica, possibilitou transpassar parte da técnica psicanalítica para a interpretação de textos literários¹⁶. No entanto, o encantamento excessivo por essa nova abordagem, que ajudaria a compreender melhor antigos temas dos estudos literários, muitas vezes esconde a necessidade do rigor lógico que o crítico literário (assim como o psicanalista e todos aqueles pesquisadores que se utilizam da psicanálise como ciência auxiliar em suas pesquisas) precisa para a realização de um bom trabalho.

Ao refletir a respeito da autoanálise feita por críticos psicanalistas sobre a afetação provocada pelo texto literário, André Green faz apontamentos relevantes sobre a interação do inconsciente do leitor com o texto e a decorrente necessidade de expor suas considerações para um terceiro, no intuito de balizá-las. Vejamos tais aspectos separadamente:

¹⁴ Não podemos deixar de lembrar que a apreciação estética, muitas vezes, escapa à interpretação psicanalítica. Neste sentido, a observação da literatura somente como “sintoma” prejudicaria a constatação de sua “literariedade”, isto é, o modo de utilização da linguagem que faz de um texto uma obra de arte.

¹⁵ Sobre as pulsões, ver o terceiro tópico do capítulo 2.

¹⁶ No que se refere à relação entre a linguagem do inconsciente e a linguagem figurada, convém ressaltar a compatibilidade entre os termos psicanalíticos “condensação” e “deslocamento” com a “metáfora” e a “metonímia”, respectivamente.

O analista torna-se então o analisado do texto. É nele que é preciso encontrar para essa pergunta [sobre a fascinação causada pelo texto] e ainda mais no caso do texto literário, onde ele só pode contar com suas próprias associações. A interpretação do texto torna-se a interpretação que o analista deve fornecer sobre o texto, mas afinal de contas é a interpretação que ele deve dar a si próprio dos efeitos do texto sobre seu próprio inconsciente. (GREEN, 1983, p. 215).

De fato, a afetação inconsciente da obra literária no leitor corresponde a um campo fecundo a ser observado. Como todo indivíduo, ele carrega em si a estruturação da personalidade, pautada na repressão da família e da sociedade, para sua constituição de cidadão. Consciente dessa tensão, o leitor de um texto literário pode observar em si mesmo as reações inconscientes que uma expressão, determinada situação e/ou ambientação ficcional, pode causar. Na prática psicanalítica, esse fenômeno é conhecido por contratransferência, aquilo que "surge no médico como resultado da influência que exerce o paciente sobre os seus sentimentos inconscientes" (FREUD, 1969, p.125-36), ou seja, a reação a uma transferência. Na transferência, que "são reedições, reduções das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico" (FREUD, 1969, p. 109-19), o paciente, ao reviver uma situação que o constrange e gera uma resistência, transfere a agressividade, que em sua vida corriqueira é direcionada a outra pessoa ou entidade, para o seu analista. Em decorrência, o analista, muitas vezes pego de surpresa, reage inconscientemente à ação do paciente, com uma "contra" transferência. Assim, um analista atento aos seus atos inconscientes poderá, através deles, compreender melhor suas causas, ou seja, o que rege a ação de seu paciente. Isso, transposto para a análise literária, pode auxiliar na revelação do inconsciente do autor ou do que pode estar latente em cada história ficcional. Esse tipo de análise comporta, embora revelando novos dados, uma grande dificuldade: como ter precisão, se o próprio observador é envolvido na "atualização" da trama que deu origem ao texto, agindo de modo inconsciente? Sobre os perigos de ocorrer uma interpretação equivocada do discurso metafórico do conteúdo manifesto, Green esclarece que algumas análises, ditas "chutadas" pelos psicanalistas, podem se contradizer, pois "interpretar é sempre assumir o risco interpretativo" (GREEN, 1983, p.216), ressaltando a importância de que

[...] este exercício de auto-análise seja precedido de uma análise por um outro, ou se preferirem, de uma análise do Outro. O analista põe esta interpretação à prova ao comunicá-la. Trata-se exatamente de uma prova, pois ele revela abertamente as falhas de sua leitura e os limites de sua auto-análise. (GREEN, 1983, p. 215)

Desse modo, a subjetividade excessiva que envolve a autoanálise ganha rigor objetivo ao recorrer a outra opinião; visto que a visão de um terceiro – no caso do psicanalista, outro terapeuta; no do crítico, outro leitor – pode apontar questões que passam despercebidas por aqueles que estão envolvidos mais diretamente no fenômeno analisado.

Certamente a imprecisão característica da análise que o crítico psicanalista possa fazer de seu próprio inconsciente decorre da afetação que a linguagem ficcional provoca em sua percepção. Sendo assim, de posse das nuances da linguagem metafórica, bem como da correspondência entre a metáfora¹⁷ e o inconsciente, compreendemos melhor os possíveis riscos de uma leitura em que, ao buscar fundamentação nas técnicas psicanalíticas para chegar às causas ocultas de um texto literário, o crítico analisa seu próprio inconsciente. Vejamos esse ponto mais detidamente.

Em *A Interpretação dos sonhos* (1976), Freud, ao refletir sobre a desproporcionalidade das ideias latentes com relação à condensação do conteúdo manifesto, sugere um possível questionamento de seus leitores, a possibilidade de as “associações” ou “conexões” feitas pelos analistas na interpretação do conteúdo manifesto não serem compatíveis com o conteúdo latente, ou seja, se aquilo que existia antes da elaboração e condensação do sonho não seria equivalente aos resultados da análise:

Diante da extraordinária quantidade de ideias que a análise fornece em relação a cada elemento do conteúdo onírico, surgirá em nossos leitores a dúvida de se podemos considerar como pertencentes às ideias latentes tudo o que *a posteriori* ocorre à nossa mente durante o trabalho de análise; isto é, se devemos supor que todas essas ideias se acham já em atividade durante o sono e contribuíram para a elaboração do sonho, ou se não é muito mais verossímil que,

¹⁷ No artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, de Roman Jakobson, tal correspondência se apresenta de maneira bem clara. Isso se deve ao fato de que o linguista utiliza os conceitos freudianos de condensação e deslocamento para compreender as perturbações da linguagem presentes na afasia: “A competição entre dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social. Eis por que numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências se baseiam na contiguidade ('transferência' metonímica e 'condensação' sinodóquica de Freud) ou na similaridade ('identificação' e 'simbolismo' freudianos). (JAKOBSON, 1956, p.61).

nesse trabalho, surjam novas associações de ideias que não tomaram parte alguma na sua constituição. [...]. É certo que na análise surgem pela primeira vez algumas associações, mas sempre nos é dado observar que essas novas conexões só se estabelecem entre ideias que se acham já unidas de outra maneira no conteúdo latente. (FREUD, 1976, p. 4)

A impressão que temos deste trecho é que qualquer associação de ideias feita por um leitor possa ter validade. Tomando isso como premissa, então qualquer conexão feita pelo analista poderia ser interpretada como verdadeira? Ou melhor, o erro não existiria nesse tipo de análise? O próprio desdobramento do texto de Freud nos dá as pistas de que existem respostas para essas perguntas: “Só condicionalmente podemos aderir a essa dúvida” (FREUD, 1976, p. 4). A questão que se coloca então é saber qual seria esse “condicionamento”.

A simples relação aparentemente sem consequências lógicas de causa e efeito entre dois objetos ou ideias, desassociados na realidade não ficcional, sem dúvida mostra uma ação do inconsciente que escolhe duas reminiscências para sua criação. Essa escolha acontece devido a alguma identificação, isto é, alguma proximidade entre elas. Embora apresente sentido, passível de interpretação, não podemos deixar de observá-las como contrassenso na ordem dos fatos empíricos. Diante disso, o pesquisador que se depara com o discurso figurado deve ater-se tanto ao significado subjetivo da metáfora quanto à sua correspondência com a objetividade externa ao sujeito, para obter conclusões apropriadas em seu trabalho. Do mesmo modo que é feito com a “elaboração secundária” do sonho, pois “o texto literário e o texto do sonho só se aproximam num ponto: os dois são apresentados através da elaboração secundária”. (GREEN, 1983, p. 214). Em *A ideia do teatro* (1991), de Ortega y Gasset, encontramos uma reflexão esclarecedora sobre a metáfora que pode nos ajudar na compreensão do discurso metafórico, tanto no que se refere ao inconsciente quanto à sua relação com o discurso não ficcional:

As duas realidades, ao serem identificadas na metáfora, chocam-se uma com a outra, se anulam reciprocamente, se neutralizam, se desmaterializam. A metáfora vem a ser a bomba atômica mental. Os resultados da aniquilação dessas duas realidades são precisamente essa nova e maravilhosa coisa que é a irrealidade. (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 38).

O caráter de irrealidade a que se refere Ortega y Gasset é o que torna ficcional todo discurso de linguagem articulada e imagética, essa irrealidade só é

possível pelo desprendimento do aspecto causal, ou melhor, da relação objetiva das coisas (objetos) do mundo¹⁸. Isso não quer dizer que, ao compreendermos as sugestões e os significados das metáforas, não possamos associá-los a uma interpretação objetiva; mas que, frente a um discurso metafórico, o crítico deverá conduzir suas investigações selecionando as imagens que se harmonizam com suas suposições, daquelas que não dão nenhuma sustentação a seus argumentos.

Se a proximidade entre objetos unidos na metáfora é de fato um elemento importante para a análise de sua correspondência com o não ficcional, ela deverá, portanto, ser racionalizada através da utilização da causalidade e da ordenação lógica. Se isso não ocorrer, o pesquisador pode se equivocar e não averiguar se determinada relação é plausível e condizente com aquilo que pretende defender ou se é apenas um “jogo de linguagem”, que sem dúvida se originou no inconsciente, mas não são provas evidentes para responder às perguntas levantadas e sustentar hipóteses defendidas. A difícil tarefa do pesquisador e crítico literário, que trabalha com o discurso poético, talvez seja compreender e atentar para a existência de duas ordens nesse tipo de investigação: aquela que identifica a relação casual¹⁹ e psicológica da metáfora, e aquela que se utiliza dessa relação para a defesa de uma tese, uma hipótese levantada, baseada no princípio da causalidade. Ora, a prova disso é a necessidade da elaboração secundária para a compreensão do discurso onírico e do discurso literário, em que se dissolve a condensação metafórica e subjetiva do conteúdo manifesto e literário em discursos lógicos e objetivos que tornam as hipóteses do psicanalista e do crítico (que se vale da psicanálise) comprovadas ou não. Sem desmerecer o impacto da metáfora na percepção do espectador e leitor, lembramos que aquele que se propõe a refletir sobre o discurso poético e metafórico deve, como disse o próprio filósofo, purificar o espontâneo. No mais, cabe a cada um a experiência, o *know how* para fazê-lo.

¹⁸ No *Tractatus lógico-filosófico*, de Ludwig Wittgenstein, temos uma explicação clara dessa relação lógica: “Assim como não podemos de modo algum pensar em objetos espaciais fora do espaço, em objetos temporais fora do tempo, também não podemos pensar em *nenhum* objeto fora da possibilidade de sua ligação [direta e objetiva] com outros” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 137). Neste sentido, a relação dos objetos na metáfora se desprende desse tipo direto e objetivo de relação devido às suas associações “aparentemente” absurdas, embora “É óbvio que um mundo imaginário, por mais que difira do mundo real, deve ter algo – uma forma – em comum com ele”. (WITTGENSTEIN, 2001, p. 139). A forma de que fala o “primeiro” Wittgenstein do *Tractatus lógico-filosófico* seria a estrutura de um enunciado que está presente em todos os discursos.

¹⁹ Pensamos a relação casual da metáfora como um dado inconsciente que, embora apresente um “porquê” ou uma “causa” particular para sua constituição, não interfere substancialmente na defesa de uma tese. Isso porque “na lógica, nada é casual: se a coisa [objeto] *pode* aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar prejudgada na coisa”. (WITTGENSTEIN, 2001, p. 135). Ou seja, na sua existência objetiva.

1.4. Teoria crítica e o conceito de totalidade

Tendo início no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, na década de 1920, a Teoria Crítica, desde a sua fundação, propôs-se a uma crítica totalizante da sociedade. Em oposição a trabalhos setoriais, que reduziam a pesquisa social, os membros do instituto buscavam uma análise em que as relações sociais eram postas de modo interdisciplinar em todos os seus aspectos: econômicos, psicológicos, culturais. Tal posição, aliada ao método dialético, garantia a seus pesquisadores identificarem a emergência de contradições inerentes à sociedade industrializada moderna, para que, a partir desse conhecimento, fosse buscada uma mudança radical na estrutura social, diminuindo, com isso, a alienação e a exploração das classes menos favorecidas. Sobre esse assunto, comenta Leandro Konder:

Havia, ainda, a atitude em face da *totalidade*, a extrema prudência com que tanto Benjamin como os “frankfurtianos” lidavam com as exigências dialéticas da “totalidade”. Em princípio, eles admitiam que o conhecimento, para avançar, precisava se referir a uma certa visão de conjunto dos problemas, admitiam, portanto, a imprescindível referência dialética ao todo. Mas sentiam uma aguda necessidade de se manterem permanentemente mobilizados para combater as tendências desse “todo” à estratificação. (KONDER, 1999, p. 71).

Nesta visão totalizante da teoria crítica, foram principalmente o pensamento freudiano (psicanálise) e o marxismo (a dialética materialista e a influência hegeliana) que deram respaldo para a compreensão tanto do indivíduo, no que tange às suas afetações psíquicas, quanto das mudanças propiciadas pelo alto grau de desenvolvimento da técnica de fabricação e comercialização de bens de consumo. Tal abordagem totalizante, em que o método psicanalítico se funde à dialética, trouxe equilíbrio a ambas: na psicanálise, a redução dos problemas sociais ao psiquismo foi revista à luz das contradições lógico-dialéticas socioeconômicas; e no marxismo, em que os conflitos internos eram reduzidos à desigualdade social, ao fluir caótico dos instintos, isto é, a teoria das pulsões de Sigmund Freud.

O que mais nos interessa ressaltar, sobre a conjugação de vários métodos na teoria crítica, é o modo como seus teóricos conseguem balizar, com o aparato lógico da dialética marxista e hegeliana, as constatações espontâneas do método psicanalítico. Como já argumentamos, a psicanálise sozinha não conseguiria

sustentar suas hipóteses sem o amparo da experimentação ou da argumentação lógica. Neste sentido, o modo de pesquisa realizada pela escola de Frankfurt é um exemplo claro de como o crítico psicanalítico deve respaldar suas averiguações com o aparato lógico, para que elas ganhem “força de lei”, tornando-se, deste modo, um discurso científico ou filosófico.

Em Benjamin, a categoria de totalidade é compreendida tanto pela utilização dos métodos paradigmáticos da Escola de Frankfurt (dialética marxista e psicanálise), quanto pela influência romântica que está na base da filosofia alemã, em que o desdobrar da reflexão, aliada ao estilo poético, estenderia a consciência dos fenômenos analisados. O que não quer dizer que ele fuja da proposta de seus contemporâneos, mas dialogue, ainda mais diretamente, com as bases lógicas que estruturaram a dialética hegeliana e marxista²⁰.

Ao comentar pensadores como Fichte, Schlegel e Novalis, em *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* (2002), Walter Benjamin elucida a genealogia da tradição filosófica alemã que ele incorporou em seu pensamento: o desdobrar do princípio lógico que anima todos os fenômenos. No idealismo de Fichte estão as bases metafísicas que possibilitaram o rompimento com a lógica aristotélica e a filosofia kantiana, que viam no princípio de não-contradição e identidade a origem de todo saber. O que Fichte propôs foi uma lógica em que a identidade $A=A$ é posta por um Eu originário:

Com efeito, o princípio $A=A$ é puramente formal, dizendo-nos apenas que, se existe A, então $A=A$. Necessariamente, pois, há apenas a ligação lógica “se... então”. Essa ligação lógica não pode ser *posta* senão pelo Eu que a pensa, o qual, pensando a ligação de A com A, põe, além da ligação lógica, também o A. O princípio supremo, portanto, não é o da identidade lógica $A=A$, porque ele se revela *posto* e, portanto, não originário. (REALE; ANTISERI, 2005, p. 51).

Ora, a relação pensada “se A então A” só pode ser compreendida como um desenvolvimento de uma “consciência” anterior a ela, que se desdobra junto com o

²⁰ Outro aspecto interessante da relação benjaminiana com a categoria de totalidade é a preocupação, que vemos em seus textos, de identificar no particular sua correspondência com o Todo social: “Benjamin procurava encaminhar o conhecimento na direção da ‘pequena imagem fugaz, por oposição ao conforto científico’. José Guilherme Merquior discerniu com argúcia no pensamento de Benjamin essa busca de ‘uma nova espécie de relação com o Todo’, esse esforço metodológico que o levava a trabalhar com um ‘horizonte móvel’, no qual a ‘totalidade’ só podia aparecer como ‘um clarão’ e jamais poderia ser usada para compor um sistema ‘fechado’. Os ‘frankfurtianos’ acolhiam essa proposta ousada.” (KONDER, 1999, p. 71).

objeto pensado. Assim, os conectivos “se” e “então” compõe-se de uma ação, um Eu que se autocria. Um princípio que constrói a si mesmo em uma identidade dinâmica.

Tal concepção, porém, adquire em Schlegel e Novalis uma atenção voltada para a manifestação artística, que influenciou profundamente a tradição alemã no campo da estética. O que eles fizeram foi substituir o Eu absoluto e originário da filosofia de Fichte pela obra de arte, vista também como um “ser” que se autocria através do desenvolvimento e do diálogo das formas das obras que se sucedem. No caso da crítica, esta atualização também se efetivaria nos comentários de algo que “em si” já conteria o germen, ou melhor, a capacidade de se desenvolver.

A ideia de desdobramento, portanto, a partir de um médium de reflexão (*reflexionsmedium*), que, para a crítica estética, seria a obra de arte²¹, muito utilizada por Benjamin em suas análises, encontra, aqui, seu princípio: uma atenção para a fluidez dos fenômenos e do pensamento.

Esta fluidez foi representada na linguagem pela utilização de aforismos: sentenças ou reflexões breves que expressam um fragmento do pensar dentro da história cognitiva do homem. Em sua grande maioria, um preceito referente à ordem prática, cuja brevidade contribuiria para a fixação de uma ideia, uma orientação moral. No caso de Schlegel, para quem “a Filosofia começa pelo meio; [o que] significa que ela não identifica nenhum de seus objetos com a reflexão originária, mas vê neles um meio termo no medium”. (BENJAMIN, 2002, p. 49), o aforismo compreenderia o modo de expressão *in media res* no qual a linguagem se confinaria, através do estilo, com o absoluto. Nesses termos, Benjamin chama-nos a atenção para como Schlegel compreende o Ser:

De qualquer modo, o absoluto era para Schlegel, na época da *Athenäum*, o sistema na figura da arte. Mas ele não buscou compreender sistematicamente este absoluto; antes, ao contrário, tentou compreender de maneira absoluta o sistema. (BENJAMIN, 2002, p. 51).

É por isso que, na filosofia alemã, desde os primeiros românticos, passando por Nietzsche e mesmo Benjamin, encontramos formas de escrita e reflexão que buscam representar a fluidez do absoluto e do pensamento, um movimento que vê,

²¹ Quanto à tradução, outro tema recorrente na obra benjaminiana, o médium de reflexão pode ser associado ao texto “original”, em que as traduções se baseiam e através do qual se atualizam num *continuum* de aperfeiçoamento da palavra.

no particular e no fragmento, a manifestação fluida que caracteriza todas as coisas presentes no mundo.

1.5. Imagem de pensamento e sobredeterminação

Não são todos os sistemas indivíduos [...]?

Schlegel

Na escrita de Walter Benjamin, a presença do inconsciente e da importância do sujeito no contexto social, dado característico da Escola de Frankfurt, encontra correspondência nas *imagens de pensamentos* (figuras de estilo que traduzem de modo intuitivo a percepção do escritor). Enquanto outros autores da teoria crítica, para sanar a escassez de subjetivismo do marxismo, utilizam-se da psicanálise, Benjamin, além de incorporá-la, traz o imediatismo do discurso poético para sua escrita. Com isso, procura ampliar o entendimento das causas que originaram os fatos e acontecimentos sociais. Nesse sentido, entender o estilo desse autor, que propõe ao mesmo tempo uma escrita poética e argumentativa, contribuirá aos nossos propósitos de observar os aspectos psicanalíticos de sua obra.

Para compreender a estilística de Walter Benjamin, é preciso que tenhamos clareza sobre alguns elementos da causalidade, a fim de elucidar as conexões possíveis entre as imagens de pensamento benjaminianas e o contexto da elaboração dessas imagens. Em seu discurso, as imagens de pensamentos, muitas vezes, surgem de maneira inesperada, causando no leitor admiração e impacto. Tal efeito, decorrente da intensidade metafórica, também carrega em si uma perplexidade devido ao aparente paradoxo causado pela falta de encadeamento lógico do que foi dito de modo figurado, sem sobreaviso, com o argumento até então desenvolvido. Essa impressão se efetiva devido à utilização da sobredeterminação, encontrada na constituição dessas imagens.

Nas conexões causais de qualquer tipo de fenômeno do mundo, os efeitos são passíveis de apresentar sobredeterminação, isto é, um mesmo fenômeno pode ter como origem duas ou mais causas distintas, pois todas elas condizem com o evento estudado. Isso é possível devido aos fenômenos, que contêm certo grau de

complexidade em sua constituição, também apresentarem, em sua gênese, uma variedade complexa²².

Freud, no livro *Interpretação dos sonhos* (1976), analisa as ocorrências de mais de uma causa para a formulação do conteúdo manifesto do sonho; ele observa que o inconsciente agrupa, através da utilização da condensação e do deslocamento, conteúdos latentes em representações oníricas, no intuito de dar vazão aos desejos do indivíduo. Ao identificar essa múltipla possibilidade geradora dos conteúdos manifestos, Freud chega à conclusão de que o analista deve interpretar a linguagem onírica à luz da sobredeterminação para que não corra o risco de reduzir suas conclusões a uma única causa, evitando, com isto, o estreitamento da análise dos fenômenos psíquicos.

De acordo com essa complexidade geradora dos fenômenos no mundo, inferimos que, em uma linguagem como a de Walter Benjamin (que não enumera todas as causas de um fenômeno, mas simplesmente as sugere, dando liberdade para a fluidez das associações inconscientes, como no caso das imagens de pensamentos), as razões geradoras dos temas e assuntos tratados em seus textos aparecem tanto em um discurso lógico-argumentativo quanto num discurso “aparentemente” ilógico e absurdo da linguagem metafórica que manifesta uma nova percepção – em muitos casos, a chave para um melhor entendimento das causas latentes dos objetos analisados.

Conhecedor dos limites da racionalização sistemática para captar a complexidade dos fenômenos do mundo e de sua afetação, Benjamin utiliza a metáfora de maneira intuitiva para desvelar outras causas que ajudam a compor a constituição desses fenômenos, o que aproxima as imagens de pensamentos ao conceito de sobredeterminação. No artigo “Da escrita filosófica em Walter Benjamin”, Jeanne-Marie Gagnebin tece um importante comentário sobre a utilização da metáfora feita por Benjamin em seus textos de crítico e pensador de cultura:

A metáfora da escrita filosófica como um retomar fôlego perpétuo e do método como desvio, isto é, como um caminho cujo alvo não esta

²² A esse respeito, Irving Copi chama a atenção para a importância de se especificar os efeitos a serem analisados, no intuito de atingir maior exatidão na obtenção de suas causas: “Em todos os casos de pretensa pluralidade de causas encontradas até agora, a pluralidade aparente dissipa-se, quando o efeito, em questão, é especificado de maneira mais precisa” (COPPI, 1978, p. 332). Apesar da coerência de suas observações, no que se refere aos aspectos do inconsciente, fica difícil a aplicação desse discernimento, posto que “imagens” e “pensamentos” inconscientes apresentam maior fluidez do que os objetos concretos, por isso a observação desses fenômenos à luz do conceito de sobredeterminação se faz imprescindível.

dato de antemão, essa metáfora assinala impossibilidade produtiva: a impossibilidade de apresentar a verdade de maneira sistemática, continuada e acabada, pois trata-se – quando ainda se ousa falar em verdade! –, trata-se de desenhar justamente o que não se deixa totalmente apreender ou prender pelo pensamento e pela linguagem, aquilo que os fundamenta e, simultaneamente, lhes escapa. Essa apresentação hesitante, tateante, cheia de respeito e/ou de ironia se opõe ao ideal do conhecimento certo, isto é, a uma *démarche* intelectual que visa a assegurar a posse do seu objeto. (GAGNEBIN, 2007, p. 90).

Walter Benjamin procura a polivalência dos discursos, em situações nas quais a sistematização, com seu arsenal lógico e avesso à contradição, não consegue chegar; ele assimila os eventos de modo mais imediato e intuitivo, próprio de um poeta, embora ainda apresente um fio condutor característico da concatenação do discurso argumentativo²³. Com isso, abre novos caminhos de interpretação, dando vazão ao inconsciente que, através da linguagem figurada e polissêmica, manifesta uma percepção imanente que descortina novas possibilidades de origem para o objeto ou fenômeno observado.

A influência da literatura na escrita da análise crítica de Benjamin aproxima suas reflexões do movimento romântico que ansiava por uma crítica poética, fortalecendo a figura do sujeito e sua percepção do mundo. Deste modo, na utilização dos aforismos e o desdobrar do pensamento a partir do *medium de reflexão*, isto é, a obra de arte, que encontraria continuidade de seu impulso originário no fluir do desdobramento reflexivo característico da crítica literária, a consciência humana ganharia maior significação e autoconhecimento. É neste sentido que ele compõe a sua análise sobre a obra de Baudelaire.

²³ Como vimos no tópico 3 do capítulo 1, o discurso metafórico opera um desmembramento da causalidade dos fatos para se tornar irrealidade (ficcional). Portanto, um crítico atento deve amparar suas constatações em um discurso argumentativo. Na escrita de Benjamin, essas duas instâncias se interpenetram, num estilo em que crítica e poética estão unidas. Desse modo, é possível notar que a “espontaneidade” do discurso que se utiliza do inconsciente, a que se refere Ortega y Gasset, já encontra sua “purificação” na ambivalência da união entre crítica e poética, própria dos românticos, de quem Benjamin recebeu influência.

CAPÍTULO 2 – A EXPERIÊNCIA DO CHOQUE: UMA VIA PARA A PULSÃO DE MORTE

2.1. Compreendendo o psiquismo

Neste capítulo, abordaremos o percurso feito por Benjamin, em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, para sintetizar e esclarecer o funcionamento da mente diante dos objetos que a afetam. Ao desenvolver esse percurso, o filósofo utiliza o trabalho de três importantes pensadores da psique: Henri Bergson, que, em *Matéria e memória* (1990), ressalta a irreducibilidade do espírito à matéria e desenvolve reflexões sobre a consciência; Proust, com a subdivisão da consciência em *memória voluntária* e *memória involuntária*, reinventando o modo de fazer literatura; e, por fim, Freud, com suas investigações que, integrando a consciência e o inconsciente às pulsões, pode ir “mais além” na compreensão da natureza humana. Apesar das diferenças conceituais desses pensadores, o problema filosófico da temporalidade, ou melhor, da percepção do tempo, perpassa todas as suas teorias, servindo como um fio condutor, por onde começaremos nossa análise.

Para o filósofo francês Henri Bergson, a experiência concreta e sua percepção temporal escapam aos diagnósticos mecânicos de tempo. Testes e experimentações positivistas reduzem a compreensão do tempo como sendo algo espacializado, segundo a qual todos os instantes analisados empiricamente compõem uma mesma e única característica, não adquirindo nem mais intensidade, nem mais importância do que outros, podendo ser reproduzidos quantas vezes forem necessárias para a observação mecânica do evento estudado:

Como podemos ler no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, para a mecânica, o tempo é uma série de instantes, um ao lado do outro, como se vê nas sucessivas posições do ponteiro do relógio. Por isso, o tempo da mecânica é *tempo espacializado*. E, com efeito, medir o tempo significa comprovar que o movimento de certo objeto em um espaço determinado coincide com o movimento dos ponteiros dentro daquele espaço que é o quadrante do relógio. Mas, além de espacializado, o tempo da mecânica é tempo reversível, já que podemos voltar atrás e repetir infinitas vezes o mesmo experimento. (REALE; ANTISERI, 2008, p. 350).

A partir de tais características do tempo da mecânica (que não abrange a intuição de passado, presente e futuro, com toda sua carga de intensidade psicológica), Bergson conclui que a consciência é regida pelo que chamou de *durée* (duração): a intuição do eu, que apreende o presente carregando consigo a memória do passado e a capacidade de antecipar o futuro, tornando cada instante mais intenso e distinto do tempo mecânico do quadrante do relógio. Nesse sentido, a memória é identificada com a consciência, distinguindo-se da percepção e da recordação (que seleciona na memória o que é necessário para a orientação e auxílio do corpo em suas ações em meio aos objetos materiais que o cercam).

Dentro dessa perspectiva, Proust, no livro *Em busca do tempo perdido* (1982), recria seu passado, tomando uma *madeleine* como objeto desencadeador e remissivo que o leva ao resgate das lembranças mais recônditas de sua primeira infância em Combray. Assim como destacou Bergson, é a percepção de um objeto no presente que transporta a consciência do escritor para outro tempo, no qual a sua *memória voluntária* não é capaz de transitar, pois esse domínio, dentro da visão de Proust, é inacessível à tentativa consciente de ser rememorado, ficando restrito à *memória involuntária*, que liga o presente a uma lembrança por mero acaso, pela identificação de algum elemento no presente que se assemelha ou remete a algo já vivido:

Por isso Proust não hesita em afirmar, em síntese, que o passado “está escondido, fora do domínio e do alcance da nossa inteligência, em algum objeto material [...] de que não suspeitamos. Depende do acaso encontrarmos esse objeto antes de morrermos, ou não encontrarmos.” (BENJAMIN, 2006, p. 108)

Em “A Imagem de Proust”, Benjamin retoma suas reflexões acerca da memória, vista como, segundo ele, uma “chave para tudo que veio antes e depois”, isto é, a partir de um ponto reminescente, toda a totalidade que constitui o vivido, no sentido de causalidade histórica e mnemônica, pode emergir à consciência. Sendo assim, o elemento desencadeador e o instante de sua percepção se tornam únicos, assumindo uma intensidade própria na história do indivíduo. Ora, mesmo que Proust continuasse a se alimentar de outras *madeleines*, a primeira, por ser a “chave” do sentido histórico dentro do romance, apresenta-se com um sabor especial,

impossível de ser recriado (repetido), tornando o instante mais intenso, assim como sugere Bergson em suas reflexões sobre o tempo da *durée*.

A respeito da arte de narrar e rememorar, Benjamin ressalta a dificuldade de um narrador contemporâneo em fazê-lo, dando aos seus leitores alguns esclarecimentos sobre a perda do acesso consciente ao passado, que, na obra de Proust, é mitigada pela observação de sua memória involuntária:

Os oito volumes da obra de Proust dão ideia do que seria necessário para restituir ao presente a figura do contador de história. Proust dedicou a isso com uma extraordinária coerência. Nessa empresa, chegou desde logo a uma tarefa elementar: dar notícia da sua própria infância. E mediu como força do acaso a possibilidade de sua recuperação. É no contexto destas reflexões que cunha o conceito de *mémoire involontaire*, um conceito que traz as marcas da situação que lhe deu origem. (BENJAMIN, 2006, p. 109)

Ao sugerir uma divisão em que a memória voluntária é conduzida pela inteligência e a involuntária deriva ao sabor do acaso, Proust se aproxima do trabalho de Freud, que analisa a psique humana pelo viés da consciência e do inconsciente. Embora não apresente a profundidade da teoria freudiana, adquirida ao associar essa subdivisão da mente às pulsões (que movem a atividade dessas instâncias), também ressalta, de modo intuitivo, a ocorrência dos mistérios ocultos que subjazem em toda aparição das representações mnemônicas e da percepção temporal.

Nesse sentido, ao aprofundar a análise, Freud concebe a temporalidade do inconsciente como um constante repetir das pulsões (tendência de realização de um propósito). A dinâmica dessa tendência compreende-se em um contínuo, em que não há *causa ante* e, portanto, sem começo, meio e fim²⁴: “Freud descobre que a origem, concebida como *causa ante*, é um falso problema, e é a clínica que lhe fornece a pista mais importante para o desvendamento da dimensão repetitiva” (MEZAN, 1987, p. 259). De acordo com essa ideia, o desejo, motivador das ações, se funde ao repetir; isto é, não existe primeiro o desejo e depois a repetição desse desejo, mas, na concepção freudiana, como salienta Mezan, “o desejo é repetição”: “Mas não há *primeiro* o Desejo e *depois* a sua repetição; o desejo é repetição, como a experiência é reencontro; a repetição é o modo no qual o desejo existe e insiste.”

²⁴ Assim, a temporalidade, para a psicanálise, apresenta um aspecto diferente do psicologismo lógico de Kant, que compreende a temporalidade em sua relação causal, e como uma categoria *a priori* do entendimento, fundamental para a compreensão racional dos fenômenos do mundo.

(MEZAN, 1987, p. 259). Sendo assim, o domínio temporal do inconsciente não conhece barreiras entre passado, presente e futuro, como se no inconsciente de todo indivíduo o passado adquirisse um permanente reaparecimento em sua história.

Na teoria da metapsicologia freudiana, a temporalidade do inconsciente ganha características transcendentais. A reiteração constante da pulsão se assemelha à ideia do eterno retorno²⁵. Na filosofia de Nietzsche, este reiterar cíclico é a expressão que efetiva, com sua aceitação, a afirmação da vida. Para ele, “não há uma ordem, não há um sentido. Mas há uma *necessidade*: o mundo tem em si a necessidade de *vontade*. Desde a eternidade, o mundo é dominado pela vontade de aceitar a si próprio e de *repetir-se*.” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 14). Assim, a percepção retilínea do tempo, vista como finalidade e progresso, perde espaço para um eterno reiterar caótico da vontade, e, em termos freudianos, das pulsões.

Sobre a relação entre o eterno retorno e a psique, Freud ressalta que, por influência de nossa reiteração “inconsciente”, podemos reencenar a mesma trama trágica que outrora nos fez sofrer, como se inevitavelmente corrêsemos para o mesmo desenlace, embora estivéssemos em plena “consciência” de nossos atos. Ao comentar o livro *Além do princípio do prazer*, Oswaldo Giacoia Junior emparelha de forma precisa o tema de acordo com os dois pensadores acima citados, isto é, faz um esclarecimento da transposição para a psicanálise e, conseqüentemente, para a clínica, do conceito de eterno retorno:

No exemplo do *eterno retorno*, assim denominado em evidente alusão a um dos temas fundamentais da filosofia de Nietzsche, os

²⁵ Doutrina baseada nos eventos cíclicos da natureza: a alternância do dia e da noite, das estações, dos astros, da constante geração e término da vida, etc. No que se refere ao eterno retorno e a experiência humana, Nietzsche nos “presenteia” com o seguinte aforismo: “*O maior dos pesos* – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: ‘Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!’ – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: ‘Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!’ Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, ‘Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?’, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para *não desejar* nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?” (NIETZSCHE, 2012, p. 205. Grifos do autor).

sujeitos relatam a trama de suas vidas como repetição involuntária de idênticas tragédias, como se nisso atuasse a força de um destino inexorável. Nesses casos, a impressão de serem perseguidas por uma atroz fatalidade, ou possuídas por algum poder maligno, “demoníaco”, pode bem acobertar um fator representado pela atuação dos próprios protagonistas na conjuração daquele desfecho, para qual são inconscientemente induzidas pela influência de experiências infantis e vivências remotas. (GIACOIA, 2008, p. 42)

Percebe-se, através desta relação do eterno retorno com a compulsão à repetição inconsciente, independentemente da satisfação do prazer, que tanto uma ideia quanto a outra são regidas por uma força inexorável. Para Nietzsche, esta força é denominada como “vontade de potência”, um impulso irracional de amplitudes cosmológicas que aspira ao poder, isto é, a potencializar-se. Já em Freud, tal irracionalidade se limita aos instintos, conceituada por ele como “pulsão de morte”, que compulsivamente agiria em prol do retorno ao estado anterior de qualquer organismo vivo, isto é, ao seu estado inorgânico.

Mas, antes de problematizarmos as consequências desta força pulsional, voltemos para o ponto em que Walter Benjamin relaciona as teorias de Bergson e de Freud com os romances de Marcel Proust: a memória. Se recapitularmos e compararmos as teorias dos pensadores utilizados na análise benjaminiana, podemos notar que a temporalidade em Freud também se aproxima do conceito bergsoniano de *durée*, pois ambas as concepções compreendem o tempo psicológico como distinto da percepção mecânica do positivismo, atentando para a importância da intensidade da percepção do mundo, que carrega em si a história (passado) de cada indivíduo. Apesar dessa aproximação com o conceito de *durée*, a teoria freudiana desvincula, como em Proust, a vontade (no sentido de inteligência e escolha consciente de um posicionamento) do domínio da fluidez e do espontâneo, o que, na explicação de Proust, é definido como memória involuntária, e, em Freud, como inconsciente. Consequentemente, nesses dois pensadores, o aspecto irrefletido e impetuoso da psique humana adquire maior importância do que na teoria de Henri Bergson.

2.2. Experiência e Memória

É conveniente acrescentarmos à nossa reflexão sobre a memória uma breve exposição do conceito de experiência, visto que ele perpassa boa parte dos trabalhos de Walter Benjamin e está no cerne de nossas discussões. Ao esmiuçar seus principais significados, os efeitos dos choques e dos estímulos proveniente do ritmo frenético próprio das grandes cidades (que acometem repetidamente o aparelho psíquico do sujeito da modernidade) aos quais Benjamin faz referência, serão mais bem elucidados, posto que, comparando o antes e o depois dessa nova experiência, podemos compreender, de fato, o que está em jogo e o que é passível de perda para o sujeito exposto a um reiterar exagerado de estímulos.

Pois bem, o que é a experiência? Sabemos que, para que seja adquirida a experiência de algo, é necessária uma repetição constante de um mesmo fenômeno ou estado de coisas diante de um mesmo sujeito. Isto é, o sujeito só assimilaria e interpretaria algo como sendo um conhecimento seu após ter vivenciado mais de uma vez aquela situação²⁶.

Quando Benjamin arrola num conjunto de afetações tanto a experiência de uma sociedade anterior (*Erfahrung*) quanto a experiência ou “vivência” posterior aos exageros dos estímulos externos (*Erlebnis*), tem em mente que ambas apresentam a repetição como característica essencial. Embora elas sejam nomeadas, em português, com o mesmo significante “experiência”, devido à comum reiteração, procura-se diferenciar o significado da primeira através de sua capacidade de elaboração e incorporação dos estímulos na memória, capacidade esta que não se encontra presente na segunda. O adjetivo “choque”, da experiência de choque (*Chockerlebnis*), portanto, representaria uma reiteração ainda mais constante, que não daria tempo para o aparelho psíquico assimilá-la: “O tempo da *Erlebnis* difere fundamentalmente da *Erfahrung* porque envolve a temporalidade do momento único e fragmentado abstratamente, enquanto a *Erfahrung* é o pertencimento no interior da

²⁶ Neste ponto, convém lembrar a distinção entre a experiência particular de um indivíduo que presencia várias vezes a manifestação de um fenômeno, e, por isso, adquire uma compreensão particular desse fenômeno, com a experiência científica, ou seja, a experimentação sistemática feita pela ciência para comprovar a precisão e a necessidade do efeito de uma causa. Este segundo tipo de experiência se distingue daquele do qual estamos tratando pelo fato de não necessitar de um mesmo indivíduo nas suas reiterações, tornando-a objetiva e impessoal, características próprias das ciências naturais e exatas.

tradição” (Matos, 1999, p. 146). No próximo tópico, voltaremos a esse assunto mais detalhadamente. Por ora, convém pormenorizar a relação entre a experiência, em seu significado tradicional, com a memória.

Esta relação é tão estreita que, para alguns pensadores, a experiência e a memória se equivalem. No *Fedro* (1975), de Platão, encontramos um diálogo entre Sócrates e a personagem que dá nome ao livro sobre a invenção da escrita e o seu consequente prejuízo para o cultivo da memória e da sabedoria (experiência). Nesse diálogo, Sócrates procura explicar, no que se refere à mera informação e sua relação com a lembrança trazida pela escrita, a defasagem cognitiva a que o indivíduo apartado da experiência da oralidade e do cultivo da memória se expõe. Citando um mito do Egito antigo, Sócrates reproduz uma conversa entre o deus Teute (Toth), inventor da escrita, e o rei Tamuz, da Tebas egípcia, cuja qualidade era julgar a efetividade dos inventos que propiciariam um desenvolvimento social. Ao fim do diálogo, temos a seguinte conclusão:

dada a afeição que lhe [à escrita] dedicas, atribuis-lhe ação exatamente oposta à que lhe é própria, pois é bastante idônea para levar o esquecimento à alma de quem aprende, pelo fato de não obrigá-lo ao exercício da memória. Confiante na escrita, será por meios externos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos, que passarão a despertar suas reminiscências. Não descobristes o remédio para memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade. Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantões, pseudo-sábios, simplesmente, não sábios de verdade. (PLATÃO, 1975, p. 92).

Neste trecho da fala do rei Tamuz, citado por Sócrates, a escrita, e consequentemente a leitura, desvinculadas da ordem prática da oralidade e da aquisição proveniente dessa prática, prejudicariam a memória, servindo apenas como um meio ou um instrumento de lembrança. O que temos, aqui, é o referente clássico do que veio a ser, na Modernidade, a regra para a maioria dos leitores de informação. Isto é, indivíduos que não incorporam o que leem à sua experiência. A diferença é que, no mito relatado por Sócrates, a escrita e a leitura já propiciariam um apartamento entre o leitor e a experiência vivida, ou seja, sua memória, o que, na modernidade benjaminiana, adviria de um modo intencional de escrita: a jornalística. Em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, Benjamin atenta para

os exageros da informação. Vemos, aqui, uma variante formal e estilística da experiência do choque:

Se a imprensa se tivesse proposto como objectivo que o leitor incorporasse as suas informações como parte da sua própria experiência, não alcançaria os seus fins. Mas sua intenção é de isolar os acontecimentos em relação àquele domínio em que poderiam interferir com a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, clareza e sobretudo a não relação das notícias umas com as outras) contribuem tanto para esse resultado como a paginação e o registro de linguagem [...]. (BENJAMIN, 2006, p 109)

Aristóteles, no livro *Metafísica* (2001), também expõe a equivalência entre a memória e a experiência. Para ele, a experiência seria a própria memória, na qual estão nossas sensações que, devido à capacidade de abstração, são sintetizadas em forma de conceito. Nestes termos, podemos deduzir que a constituição da singularidade de cada um de nós é a nossa memória, representante das vivências a que fomos sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, a relação entre experiência, memória e conceito pode ser resumida na máxima de Míson, considerado um dos sete sábios da antiguidade, que afirmava: “Procura as palavras nas coisas, não as coisas nas palavras” (ABBAGNANO, 2012, p. 115). Ou seja, primeiramente devemos experienciar as sensações do mundo para depois formarmos intelectivamente nossas ideias, para que nosso conhecimento não se perca em explicações vazias de “sentido”.

No que se refere à ordem prática do trabalho, o primeiro pensador a criticar de maneira mais contundente a perda da experiência foi Karl Marx. Seu conceito de alienação contém o germe do conceito de experiência do choque. Quando Benjamin desenvolve o tema da multidão, presente na poesia de Baudelaire e no conto “O homem da multidão” (1986), de Edgar Allan Poe, ele resgata a crítica marxista feita sobre o trabalho alienante dos operários, relacionando as experiências dos trabalhadores aos estímulos recebidos pelo transeunte em meio à multidão: “A vivência do choque que o transeunte tem no meio da multidão corresponde à 'vivência' do operário junto da máquina.” (BENJAMIN, 2006, p. 129).

Marx concebe o trabalho como uma transformação tanto da matéria a ser manuseada quanto da realização do próprio homem ao ver seu propósito executado, isto é, seu objetivo alcançado. Ao criar um produto, em que suas intenções (ideias)

são materializadas, devido ao elo entre um antes abstrato e um depois concretizado, o trabalhador se potencializa em sua humanidade. Quando este processo é interrompido, devido à exploração de sua mão de obra pelos detentores dos meios de produção, o produto final de seu trabalho já não lhe pertence e suas ideias não se efetivam neste produto. Marx chama esta situação de “alienação”, ou seja, um estado em que a humanidade do trabalhador é mutilada, posto que suas ideias não se potencializam no produto criado por ele. Portanto, seu trabalho é externo aos seus anseios, ele nega em vez de afirmar a sua humanidade, tornando-se infeliz, desgastando seu corpo e seu espírito.

Embora haja uma repetição de uma atividade manual, o operário junto à máquina não tem a mesma “qualidade” de trabalho de um artesão. A experiência prática do operário corresponde ao ritmo frenético da produção em série. O artesão escapa a esse disparate. Temos, aqui, um exemplo claro de que não basta a mera repetição para adquirirmos uma experiência genuína: é necessária a sua elaboração. Eis uma interessante imagem de Benjamin, que liga a experiência da arte de narrar com a experiência do artesão: “Por isso, o contador de histórias deixa na experiência as suas marcas, tal como o oleiro deixa as das suas mãos no vaso de barro”. (BENJAMIN, 2006, p.109). O artesão tem o que dizer, pois domina sua experiência e se realiza nela.

Talvez o grande questionamento a ser feito no que refere à nova experiência histórica, na qual o indivíduo se encontra bombardeado de informações e estímulos, seja: como é possível adquirir experiência, em termos tradicionais, se, diante da vertiginosa ocorrência de estímulos, não temos tempo hábil para assimilá-los?

2.3. Ruminar e elaborar

Na arte da leitura, a experiência se concretiza pela capacidade de “ruminação” que o leitor necessita para assimilar o que leu. Eis uma feliz imagem utilizada na tradição filosófica para balizar e discernir acerca da qualidade da interpretação do signo linguístico. Friedrich Nietzsche, no prólogo do livro *Genealogia da moral* (1987), faz um esclarecimento dessa prática e da necessidade de utilizá-la para a compreensão de suas obras:

É certo que, a praticar desse modo a leitura como arte, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” -, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar...* (NIETZSCHE, 1987, p.17).

Acostumado ao trabalho paciente de esmiuçar e interpretar um texto, próprio da prática diária de um filólogo, Nietzsche expõe algo que já não participa da vida do homem moderno, que ficou esquecido, pois a ruminação é uma arte incompatível com as exigências da Modernidade. Tal esquecimento, portanto, contribui para outro problema: a perda do cultivo da própria memória. Vimos que Sócrates já chamava a atenção para isso, embora a sua crítica seja feita diretamente aos danos decorrentes da prevalência da escrita em detrimento da oralidade²⁷. Contudo, notamos a mesma constatação dos filósofos modernos e pós-modernos de que a ruminação é fundamental para a ordenação do que nos foi apresentado.

Por que isso ocorre? Provavelmente porque ela propicia à mente relacionar o elemento novo à nossa experiência, tornando-o, ao final do processo, um conhecimento adquirido. Os arquivos de memória, alguns a muito guardados, resurgem como encaixes perfeitos para a peça a pouco selecionada, ligando a brevidade do vivido com o passado e a experiência de cada um de nós. Essa relação é fixada de tal forma que o indivíduo torna-se senhor de seu conhecimento, um conhecimento “cultivado” e amadurecido, pois encontra a ordenação e o sentido, em sua memória, para cada novo fragmento da percepção.

Na elaboração de traumas, segundo a perspectiva psicanalítica, o processo é quase o mesmo. Em ambos os casos, a dominação de estímulos e a necessidade de compreensão através da ordenação se faz presente. Tanto na ruminação quanto na elaboração, a repetição é a via de acesso para a superação ou a resolução de um problema. No caso particular do entendimento de uma ideia ou afirmação, o estranhamento é proporcionado pela condição de novidade e, por isso, o sujeito que apreende precisa relacioná-los ao já vivido. Neste momento, parece que ocorre, por parte do sujeito do conhecimento, uma “estagnação”, ou seja, uma fixação em um mesmo ponto que precisa ser solucionado; por isso, a necessidade de movimentar

²⁷ Lembremos que, em “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1994), Benjamin atenta para a diminuição da sabedoria. Isto porque o narrador, ou contador de histórias, ao qual se refere está mais próximo da oralidade. O que é provado pela aceitação e a utilização desse texto pelos antropólogos.

todas suas energias e resgatar seus aprendizados anteriores para dar conta do novo desafio que o acomete.

Se transpusermos a reflexão de um âmbito mais “cognitivo” e “pedagógico” para o tratamento e a compreensão de situações traumáticas, notaremos que esse mesmo processo se dá na *elaboração* dos estímulos “estranhos” e indesejados que acometem nosso psiquismo. O que Freud chamou de *durcharbeiten*, traduzido para o inglês como *working through* e para o português como *elaboração*²⁸, seria uma atividade por meio da qual o aparelho psíquico retomaria seu controle e equilíbrio, corrigindo o caos instalado por situações imprevistas. A realização desse procedimento é o que efetiva a saúde mental, reabilitando a mente para novos desafios²⁹; do mesmo modo, na ruminação, uma nova ideia, ao ser inserida e conectada à experiência do sujeito, se transformaria em um elemento compreendido e dominado.

2.4. Peripato e flânerie

Historicamente, a fluidez da ruminação e da elaboração intelectual foi associada ao movimento do corpo: a ida e vinda em torno de um questionamento. Na Antiguidade, por exemplo, Aristóteles, em suas aulas no Liceu, transitava com seus alunos pelos jardins a fim de obter melhor compreensão dos assuntos tratados. Essa prática ficou conhecida na história da filosofia pelo nome de “peripato” (do gr. *peri-*, 'em torno de, em círculo', + *patéó*, 'marchar').

O que podemos extrair dela é o cuidado com a reflexão e com a concentração sobre um tema, apesar da fluidez das associações advindas da experiência do sujeito pensante. Tal atividade, cujo cenário garantia o tempo e a paciência necessários para a ruminação, também trazia para seus participantes uma maior

²⁸ É importante ressaltar que, desde os primeiros trabalhos de Freud, nas explicações fisiológicas sobre as reações às excitações sofridas pelo aparelho psíquico, presentes principalmente no *Projeto para uma psicologia científica* (1976), que são retomados em *Além do princípio do prazer* (2010), o conceito de “elaboração”, de certa forma, já encontrava seu germe no que Freud denominou como “ligação”, isto é, uma tendência para diminuir o escoamento das excitações. Pensando a excitação como uma energia que flui pelo sistema nervoso, Freud propôs uma explicação para o reequilíbrio do aparelho psíquico através da dominação dessas energias pelo processo de ligação, em que neurônios ligados limitariam o transitar da excitação para outras instâncias. Sendo assim, notamos que, mesmo na concepção puramente econômica, o procedimento e o “trabalho” de resposta ao estímulo são evidentes.

²⁹ Não é à toa, por exemplo, que todas as noites o aparelho psíquico funciona em prol de elaborar as frustrações vividas no estado de vigília.

experiência do diálogo, ou seja, o confrontar de dois ou mais logos, duas ou mais racionalidades.

Quando isso foi quebrado, por influência da vida moderna, outro modo de caminhar e outra atividade psíquica se impuseram: a “*flânerie*”, isto é, o transitar ocioso³⁰, sem grandes pretensões reflexivas, com a percepção direcionada ao movimento externo; um distrair citadino, que teve seus primeiros adeptos na cidade de Paris.

Distante do inquirir do peripato e focado na observação do que acontecia em sua frente, o *flâneur* dispensa o diálogo, sua atividade psíquica se aproxima do monólogo interior e do fluxo de consciência, bem como da brevidade da informação, práticas mais consonantes ao espírito da Modernidade. Tal mudança se deve ao fato de que o homem moderno, furtado da calmaria dos jardins, ficou à mercê da movimentação das multidões das grandes cidades.

Mas por que Paris, e não outro grande centro onde as multidões já se encontravam presentes? Em Baudelaire, como já na maioria das personalidades da época da Revolução Francesa, o modelo de antiguidade era o romano, talvez pelo resgate das origens históricas. Neste sentido, Benjamin comenta:

O tipo *flâneur* é uma criação de Paris, e o mais estranho é que não tenha sido Roma. Mas não será que em Roma o próprio sonho percorre ruas por demais calcorreadas? E não estará esta cidade demasiada cheia de templos, lugares cercados, santuários nacionais, para poder entrar indivisa no sonho do transeunte com cada uma das pedras da calçada, cada tabuleta de loja, cada degrau ou portal? As grandes reminiscências, os frêmitos provocados pela história –são para o verdadeiro *flâneur* uma bagatela que ele deixa de boa vontade ao simples viajante. (BENJAMIN, 2006, p. 200)

Embora fosse desde a antiguidade uma capital de grande fluxo, em que multidões eram trazidas como escravas ou seduzidas pelo comércio e pelas esmolas, Roma compreende características distintas das “cidades modernas”. Ademais, seu cenário vincula-se ao sagrado e à fixidez do memorar histórico³¹. Por

³⁰ “A ociosidade do *flâneur* é uma demonstração contra a divisão do trabalho” (BENJAMIN, 1989, p. 199). Essa ociosidade também comprova a presença de certa ruminação e elaboração na psique do *flâneur*, apesar de todas as suas características particulares.

³¹ A esse respeito, lembremos o comentário de Giulio Carlo Argan sobre a Torre Eiffel, símbolo da modernidade parisiense: “É uma construção tecnicamente funcional, cuja única finalidade, porém, é dar visualidade e magnitude aos elementos de sua estrutura: sua inegável função representativa (é o ponto alto da exposição [exposição de Paris de 1889], mas torna-se imediatamente o símbolo da Paris moderna, assim como o Coliseu é o símbolo de Roma antiga e a cúpula de São Pedro o da Roma católica) se cumpre na representação de sua funcionalidade técnica. É, portanto, um elemento macroscópico de decoração urbana, que prevalece

isso, seu transeunte está muito mais para um “ambulante” ou um andarilho do que para um praticante da *flânerie*.

Em Paris, o *flâneur* se configura a partir do cenário em que se encontra: “Do mesmo modo que toda a experiência sólida e testada engloba o seu contrário, assim também aqui a arte acabada do *flâneur* absorve o saber da habitação” (BENJAMIN, 2006, p. 201). O olhar desse habitante da paisagem urbana assiste ao desdobrar das ações e dos cenários diante de si como um espectador de teatro: “E o que ele procura são as imagens, onde quer que elas morem.” (BENJAMIN, 2006, p.201), ciente da transitoriedade³² dos fenômenos diante de si e moldando sua postura de acordo com a necessidade de uma passividade receptiva muito maior do que os peripatéticos da antiguidade grega. Isso porque as ações externas lhe impuseram um novo tipo de olhar, uma nova forma de experiência.

2.5. O choque e a transformação da experiência

Para um melhor entendimento da experiência de choque, começaremos por salientar a sua diferença em relação à experiência traumática. O trauma, na visão psicanalítica, corresponde a uma intromissão externa que aflige o funcionamento normal do aparelho psíquico. Esta situação só é possível pelo relaxamento das instâncias protetoras da mente, que não preveem e, conseqüentemente, não previnem a invasão de um estímulo pernicioso. Quando o mecanismo de proteção executa seu trabalho, uma quantidade de energia é acionada para a defesa do psiquismo, que apara os estímulos invasores. Apesar da eficácia dessa proteção, é inevitável a ocorrência da tensão entre ela e tais estímulos, caracterizando, assim, um determinado “choque”³³, efeito da reação do organismo que barra a ameaça do estímulo, em detrimento do aumento da utilização do mecanismo protetor.

decididamente sobre os velhos símbolos das torres de *Notre-Dame* e da cúpula dos *Invalides*; um monumento cuja singularidade é não ter nada de 'monumental', pois não comemora nem celebra um passado, não exprime princípios de autoridade nem dá expressão visual a ideologias, contudo glorifica o presente e anuncia o futuro.” (ARGAN, 1992, p. 85).

³² Aqui cabe recordar que não é à toa que um dos assuntos centrais em Walter Benjamin seja a daguerreotipia e a captação de um instante, um movimento.

³³ De acordo com nossa compreensão, os termos “choque” e “estímulo” são utilizados sem distinção em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”. Devido à falta de esclarecimento e definição precisa desses conceitos na obra de Benjamin, julgamos prudente lembrar suas definições mais usuais. Por choque, temos o sentido de encontro violento, conflito, colisão que sugere dois corpos e, portanto, o instante da ocorrência de um fenômeno,

Em *Além do princípio do prazer* (2010), Freud investiga a relação entre a consciência, vista como percepção dos estímulos externos ao aparelho psíquico, e o inconsciente, constituído por conteúdos recalçados e representantes das pulsões. Nesta relação, o estado consciente tem a tarefa de aparar estímulos que prejudiquem a integridade psíquica; por essa razão, o sistema perceptivo-consciente está situado na região mais externa do aparelho psíquico, com a finalidade de defendê-lo de toda e qualquer ameaça. No seu interior, o aparelho psíquico é composto de processos dinâmicos que interferem na vida e na atividade consciente. Um desses processos, como já vimos, corresponde ao âmbito da memória e da temporalidade, fundamental para a manifestação das pulsões e desejos que se repetem na vida psíquica dos indivíduos e buscam retornar à consciência. Quando um estímulo rompe a barreira que protege a psique, o dinamismo e o funcionamento normal do inconsciente perde seu equilíbrio, o que resulta numa tentativa desesperada de equilibrar novamente suas atividades. Uma das principais ações para que isso ocorra é a repetição representativa do trauma, mas em uma situação ativa, diferentemente da passividade do momento traumático, como se o inconsciente buscasse assumir o controle e o domínio, apesar de tardiamente, da situação. Essa ação, por chegar depois de um dano feito, apresenta qualidades atenuantes e reparatórias, pois não previne o fato traumático, mas tenta restituir o equilíbrio anterior.

Para que não necessitemos de toda essa laboriosa reparação contra estímulos mais contundentes, capazes de transpor a barreira de proteção, a percepção busca se preparar contra as ameaças que afetam a integridade do aparelho psíquico de outra maneira. Tal preparação é a capacidade de nos angustiarmos, isto é, antever uma ameaça e agir para que sua ocorrência não seja demasiada contundente, observando sinais no mundo e em nosso inconsciente que remetam a uma possível e fatídica ocorrência no futuro. Sobre esse assunto, Freud salienta a importância de distinguir o significado dos termos terror, medo e angústia, corriqueiramente utilizados como sinônimos. Diz ele:

“Terror”, “medo” e “angústia” são empregados erradamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo. “Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo”

isto é, a junção entre ação e reação. Em contrapartida, o estímulo atesta somente a ideia de ação, ou melhor, de um emissor que provoca uma resposta imediata (ação reflexa) de outro corpo.

requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; mas “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator surpresa. (FREUD, 2010, p. 169)

A necessidade constante da angústia, devido à burocratização e à aceleração da vida nas grandes cidades, levou o homem moderno e contemporâneo a sujeitar-se ao que Benjamin chamou de experiência de choque, situação em que o indivíduo não pode distender sua atenção, correndo o risco de não dar conta de realizar as tarefas e atividades impostas pelo convívio social e defender-se delas. As consequências dessa situação geraram outra apreensão do mundo, o indivíduo acabou por adaptar-se ao ritmo frenético das metrópoles, tendo de utilizar cada vez mais seu aparato de defesa sensório-motora e de elaboração psíquica. A percepção do perigo, como vimos na explicação de Freud, tornou-se mais iminente, cristalizando o trabalho psíquico na superfície da consciência, como se a constante negação do ócio³⁴ dificultasse o caminho para o inconsciente, campo da memória individual e coletiva.

Essa sobrecarga no consciente e na percepção resultou em um aumento de patologias e disfunções da integração entre as instâncias do aparelho psíquico. Para Freud, a *integração* entre consciência e inconsciente é o ideal de uma mente sadia, esse equilíbrio só pode ser atingido pela constante observação dos sinais latentes do inconsciente que a consciência compreende e assimila em forma de ato, ação. Nesse sentido, embora saibamos que Freud não se preocupou com a sabedoria e, sim, com uma mente sadia, a autoanálise, a reflexão e a percepção de conteúdos latentes garantem um melhor posicionamento em face das adversidades, fazendo com que o indivíduo adquira uma experiência elaborada, em que o diálogo entre seu consciente e inconsciente transpasse para o coletivo em forma de conselhos e sabedoria³⁵, preservando assim uma tradição. A quebra da transmissão de experiência e sabedoria, decorrente da vivência do choque, talvez seja a grande perda que o sujeito moderno e contemporâneo “herdou” da vertiginosa aceleração e

³⁴ Convém lembrar a etimologia da palavra negócio: negação do ócio, que, no sistema comercial e financeiro, é tomado como axioma e, muitas vezes, como dogma.

³⁵ No ensaio "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" (1994), Benjamin afirma que a experiência está em baixa, a arte de transmitir uma sabedoria para as novas gerações não encontra mais lugar efetivo dentro do âmbito social, como se o elo entre as gerações fosse rompido e, com isso, o sentimento de comunidade. O pertencimento a uma tradição, que mantém de forma consciente a transmissão de seus princípios morais, quando se efetiva, no sentimento dos indivíduos, é somente de modo nostálgico, como se soubéssemos que irreparavelmente algo se perdeu.

burocratização da vida. Sobre esse assunto, Eric Hobsbawm, no livro *Era dos extremos: o breve século XX*, ressalta a falta de consciência histórica e a ruptura entre as gerações de nossos tempos:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. (HOBBSAWM, 1995, p. 13)

Essa difícil tarefa do historiador, citada por Hobsbawm, faz parte de qualquer narrativa que busque transmitir e continuar uma tradição. O afastamento das forças do inconsciente proporcionado pela experiência do choque tornou o convívio humano mais pobre em representações e significados. Isso se deve ao fato de que o inconsciente apresenta não somente os complexos e os conteúdos recalcados do indivíduo, mas uma ligação com o passado histórico e coletivo³⁶. Sendo assim, a perda da integração psíquica da consciência e do inconsciente dos indivíduos, com sua história singular, equivale ao enfraquecimento de uma tradição e ao distanciamento entre gerações.

2.6. A teoria das pulsões

A alienação e a vivência do choque, que tensionaram a vida da maioria dos habitantes das grandes cidades, possibilitaram a banalização da violência praticada pelos estados totalitários. Diante disso, a pulsão destrutiva presente em cada um de nós gerou as maiores expressões aniquiladoras da história da humanidade: as duas grandes guerras mundiais. Walter Benjamin, em seu ensaio “Experiência e pobreza” (2012), lembra quão catastrófica foi a vivência daqueles que de perto observaram os espólios das atrocidades dos anos de 1914-1918:

³⁶ Nesses termos, para melhor compreender e explicar a recorrência de paradigmas no imaginário coletivo, Jung, em *Psicologia do inconsciente* (1978), formulou o conceito de inconsciente coletivo, que, para ele, seria uma região constituída de arquétipos (imagens inconscientes dos instintos, presentes nos sonhos e nos mitos), onde as relações com a ancestralidade e a hereditariedade dos instintos ganhariam maior força.

Uma geração que ainda foi à escola nos carros puxados a cavalos, viu-se de repente num descampado, numa paisagem em que nada se manteve inalterado a não ser as nuvens, e no meio dela, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, o corpo humano, minúsculo e frágil. (BENJAMIN, 2012, p. 86)

Nesse clima de destruição, Freud, em 1920, reelabora sua teoria das pulsões, até então regida pelo princípio de prazer. Suas especulações o levaram à aceitação de um domínio primevo ao do prazer, uma pulsão destrutiva presente em todo organismo, que silenciosamente agiria para a efetivação do retorno ao estado inorgânico.

De acordo com o que analisamos sobre a interpretação psicanalítica da temporalidade, a compulsão à repetição seria uma das características fundamentais do inconsciente, assumindo aparentemente a função de controlar ativamente um estímulo traumático para, conseqüentemente, superá-lo. Em decorrência da observação de alguns pacientes que faziam exceção a essa regra, Freud notou que tais pacientes apresentavam uma propensão à agressividade autodestrutiva, como se a finalidade de suas atitudes fosse outra que não a busca de uma satisfação, ou a eliminação de uma tensão. Sua teoria das pulsões até então era pautada no dualismo entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, que doravante foram reformulados, dando origem ao que Freud chamou de pulsão de vida e pulsão de morte.

No primeiro dualismo, encontramos uma forte tendência, por parte do aparelho psíquico, para equilibrar as excitações provenientes de estímulos externos e internos, ou seja, o princípio de prazer se assemelharia à necessidade do organismo em manter constantes e equilibradas as atividades psíquicas, evitando, assim, o desprazer. Nesses termos, haveria uma ação reguladora da quantidade de excitação do aparelho psíquico, apresentando um caráter econômico no que se refere à relação entre o prazer e o desprazer.

Devido à impossibilidade de satisfação imediata dos impulsos do princípio do prazer, observamos o desenvolvimento do que Freud chamou de princípio de realidade, a conscientização dessa impossibilidade, isto é, o princípio de realidade agiria como um subalterno do princípio de prazer para ajudá-lo, mesmo que *a posteriori*, a satisfazer-se. Freud notou que o retardo e o redirecionamento desses impulsos para atividades de maior aceitação social era a base em que se tornava

possível a constituição da civilização. Esta capacidade de transposição de energia ficou conhecida na lexicologia da psicanálise como *sublimação*³⁷.

Contudo, a ação reguladora da quantidade de excitação presente nos princípios de prazer e de realidade não é convincente para explicar o masoquismo. Ora, se a constância e o equilíbrio das atividades psíquicas que ordenam a imperturbabilidade da mente não garantem mais a satisfação do prazer, necessariamente outra força deveria reger o estado masoquista. Sobre esse assunto, em “O problema econômico do masoquismo” (1976), Freud formula a seguinte reflexão:

A existência de uma tendência masoquista na vida instintual dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico. Pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masoquismo é incompreensível. (FREUD, 1976, p.199)

Na terapia, o comportamento masoquista é conhecido como *reação terapêutica negativa*, um posicionamento em que o paciente não corresponde positivamente ao tratamento que corriqueiramente traria bons resultados. Isso ocorre porque ele busca a repressão e o sofrimento, resistindo ao tratamento com a única intenção de penitenciar-se. Nesses termos, a explicação mais plausível para essa atitude seria a submissão a um princípio autodestrutivo, que inconscientemente influenciaria nas ações desse tipo de paciente, isto é, a pulsão de morte.

2.7. Depressão e agressividade

Neste momento, faz-se relevante perguntarmos qual seria o ponto de chegada da experiência do choque. Para os indivíduos que exteriorizam suas reações, sem recorrerem à sublimação, as atitudes agressivas são a válvula de escape e a evasão dos acúmulos das tensões provenientes da experiência do choque. O comportamento de impaciência, desrespeito e intolerância com os desígnios da vida social comprovam que muitos dos indivíduos submetidos ao

³⁷ Para Freud, essa transposição seria caracterizada principalmente pela atividade artística e intelectual, dando origem à criação de obras de arte, resultados científicos, realizações tecnológicas, educativas ou humanitárias.

excesso de estímulo, principalmente nas grandes cidades, agem de modo explosivo, repelindo a ameaça externa com repulsa. A agressividade se tornou a regra em reação a muitas das atividades humanas: a burocracia das repartições públicas, esperas em filas, o trânsito vertiginoso, entre outras coisas, impossibilitam a satisfação libidinal do sujeito contemporâneo.

Em contrapartida, também temos aqueles que renunciam ao confronto com a burocratização da vida. Ou seja, uma inação apática, devido à perda do desejo, que se impõe inexoravelmente aos anseios de satisfação da pulsão de vida. A depressão³⁸, cujo significado refere-se a uma imagem geológica de relevo íngreme e, por isso, passível de queda, tornou-se cada vez mais o caminho trilhado pelos indivíduos na contemporaneidade. Para evitarmos confusões futuras em nossa análise, consideremos as palavras de Maria Rita Kehl, que chama a atenção para a distinção entre depressão e melancolia:

[...] não é incomum encontrar certa confusão entre as características dos quadros depressivos e melancólicos, que chegam a ser abordados, indiscriminadamente, como se fossem a mesma coisa. Não são. As características “depressivas” do melancólico – negativismo, falta de ânimo, falta de autoestima, fantasias autodestrutivas, distúrbios somáticos e outras tantas manifestações de dor psíquica – podem se parecer, empiricamente, com as dos depressivos. Mas assim como algumas crises histéricas e algumas construções de pensamento delirante entre os obsessivos não podem ser confundidas como sintomas psicóticos, a semelhança fenomenológica entre a tristeza e o abatimento dos melancólicos e dos depressivos não são manifestações da mesma estrutura psíquica. (KEHL, 2009, p. 39)

Para ela, a principal diferença entre melancolia e depressão é que, na primeira, o sujeito sabe que algo se perdeu, o abatimento remete a uma ausência, à percepção de uma falta, por isso o remorso e a dúvida são caracterizações tão presentes na alegoria do melancólico; já na segunda, o sujeito se desvincula totalmente de seu objeto de desejo. Nas palavras de Mauro Mendes Dias, é “aquele que cai antes da queda” (*apud* KEHL, 2009, p. 58). Isto é, a prostração e a apatia de tal indivíduo são tão intensas que ele sucumbe antes de qualquer enfrentamento. No terceiro capítulo, voltaremos ao tema da melancolia para tratar das afetações do

³⁸ Optamos em refletir sobre a pulsão de morte e o seu direcionamento através da “depressão” e de “exteriorização da agressividade”, apesar de psicanaliticamente existirem dois conceitos muito usados para os mesmos fins: “sadismo” e “masoquismo”, devido ao trabalho que baseia a reflexão dessa etapa, isto é, o livro *O tempo e o Cão*, de Maria Rita Kehl, que explora o conceito de depressão e também por não querer vincular nossa elucubração ao caráter exageradamente sexual do “sadomasoquismo”.

poeta Baudelaire diante das mudanças sociais de seu período. Por ora, é mais importante destacarmos, seguindo as reflexões de Kehl, que o mal-estar da civilização contemporânea se caracteriza fundamentalmente pelo grande aumento de casos de depressões.

A pressão sentida pelas transformações pós-revolução industrial desencadeou um aumento das reações patológicas. O indivíduo, a partir das mudanças sofridas pela aceleração do trabalho e da produção material, encontra-se cada vez mais reprimido e, por isso, os quadros de transtornos depressivos tiveram uma ascensão exorbitante nas últimas décadas. Os índices desses tipos de transtornos divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) são alarmantes:

A organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que os “transtornos depressivos” se tornaram a quarta causa mundial de morte e incapacitação, e atingem cerca de 121 milhões de pessoas no planeta – sem contar, evidentemente, as que nunca se fizeram diagnosticar. Até 2020, segundo a OMS, a depressão terá se tornado a segunda principal causa de morbidade no mundo industrializado, atrás apenas das doenças cardiovasculares. (KEHL, 2009, p. 51)

Vemos que a alta taxa de transtornos que afetam a satisfação do prazer se tornou uma epidemia em todo mundo. Os sintomas individuais passaram a caracterizar o comportamento da estrutura social, mostrando a incongruência das exigências do mercado econômico e as aspirações do indivíduo, que, na contemporaneidade, está a mercê do mau agouro das estatísticas.

Se voltarmos a nossa atenção para a agressividade e a depressão do sujeito contemporâneo, notaremos que ambas as afetações são condizentes a um ímpeto destrutivo, a saber: a pulsão de morte. Embora o sentido de uma delas esteja direcionado para o interior do indivíduo e a outra para seu exterior, o princípio de aniquilação está presente tanto na apatia e na falta de desejo do depressivo quanto na explosão agressiva do sujeito revoltado. No estado depressivo, uma destruição do próprio indivíduo, devido à “inação” que extingue qualquer possibilidade de individuação, visto que a vontade que anima as escolhas e impulsiona o livre-arbítrio, caracterizando a atividade do sujeito da ação, é destituída por uma passividade imperiosa; já a agressividade é caracterizada por uma “reação” diante da imposição externa que cerceia a fluidez de sua satisfação libidinal, fazendo da ação uma prática de eliminação da opressão, embora, muitas vezes, devido a suas

características inconscientes, não consiga canalizar e objetivar esta pulsão para fins determinados³⁹.

Assim, independentemente dos efeitos do excesso de repressão na psique do indivíduo, a apatia e a prostração dos melancólicos e depressivos ou a agressividade dos revoltados, a força que subjaz a tais efeitos advirá da pulsão de morte. Nesse sentido, acreditamos que a experiência do choque seria um “catalisador” que aceleraria o processo social rumo ao “inorgânico” das capacidades psíquicas, isto é, à perda da autonomia do indivíduo moderno e contemporâneo.

³⁹ Este talvez seja o grande desafio para as lideranças que anseiam por revoluções, ou seja, utilizar a revolta das massas para um objetivo determinado: a tomada do poder.

CAPÍTULO 3 – A EXPERIÊNCIA DO CHOQUE E OS MECANISMOS DE DEFESA

Exercerei a sós a minha estranha esgrima, Buscando em cada canto os acasos da rima, (...).

Charles Baudelaire

3.1. A personalidade do esgrimista

Tomando como premissa a ideia de analisar imparcialmente todas as instâncias da psique (id, ego e superego), no intuito de compreender a poética de Baudelaire e sua “tradução” crítica feita por Walter Benjamin, resta-nos atentarmos para as resistências⁴⁰ do ego (personagens fundamentais do conflito entre tais instâncias). Por isso, confluímos nosso pensamento com o de Anna Freud que, ao investigar a totalidade psicológica de seus pacientes, ressalta a importância da análise dos mecanismos das resistências desses indivíduos:

[...] se dedicarmos a nossa atenção às livres-associações do nosso paciente, aos seus pensamentos oníricos latentes, à tradução dos símbolos e ao conteúdo da transferência, quer fantasiada ou “representada”, poderemos fazer progressos em nossa investigação do id, mas a análise é unilateral. Por outro lado, o estudo de resistências, da atividade da censura dos sonhos e dos vários modos transferidos de defesa contra as moções pulsionais e as fantasias, auxiliará a nossa investigação das atividades desconhecidas do ego e do superego. (FREUD, 2006, p. 23)

Sabemos que a experiência do choque no psiquismo do indivíduo se apresenta como resistência a um objeto pernicioso que suscita uma afetação indesejada. Ora, neste sentido, podemos aproximá-la aos mecanismos de defesa, que, na literatura psicanalítica, representam reações a tudo o que ameaça a integridade do ego. Tais mecanismos, minuciosamente analisados por Anna Freud

⁴⁰ Já nos estudos de Sigmund Freud o conceito de resistência aparece como elemento fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos psicanalíticos. Diante da teoria da repressão, tida como “pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1978, p. 46), Freud observa que a resistência de seus pacientes era o ponto de partida pelo qual, juntamente com a transferência, um analista deveria começar a análise e que somente a observância das duas, resistência e transferência, daria ao investigador o *status* de psicanalista.

em *O ego e os mecanismos de defesa*, constituem-se de dez contra-ações que o ego utiliza para se proteger; são elas: regressão, recalçamento, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão, reversão e sublimação. Esta última amplamente utilizada para interpretar a capacidade humana de transformar a pulsão sexual, devido à repressão social, em produção material e artística, é o que mais nos interessa. No decorrer de nossas reflexões voltaremos a ele.

Por ora, notamos que a formação do caráter do sujeito está intimamente ligada aos processos pelos quais esses mecanismos desempenham suas tarefas. Anna Freud chama de “fenômenos de defesa permanente” as características excêntricas que acompanham as ações dos indivíduos. Deste modo, um trejeito ou mania permanente pode acobertar um conflito entre as pulsões e a censura que os indivíduos constantemente necessitam acionar para suportá-las:

As atitudes corporais, como a rigidez; as peculiaridades pessoais, como um sorriso fixo; o comportamento hostil, irônico e arrogante – tudo isso são resíduos de processos defensivos muito vigorosos, no passado, que acabaram por dissociar-se de suas situações originais (conflitos com pulsões ou afetos) e evoluíram para traços caracterológicos permanentes, a “blindagem do caráter” (*Charakterpanzerung*, como Reich os denomina). (FREUD, 2006, p. 30)

O que Reich denomina como “blindagem do caráter” ou “couraça do caráter” (segundo a tradução para o português de seu livro *Análise do caráter*, 1998) pode ser dividido entre neuroses de caráter e neuroses sintomáticas. A primeira evidencia os “traços” neuróticos do caráter; já na segunda, são os “sintomas” que apresentam maior expressividade, ambas contendo a mesma base de reação neurótica, mas que encontram caminhos diferentes para descarregar a estase da libido. Tal reação, presente no dinamismo do aparelho psíquico, une todos, pacientes ou não, num mesmo objeto passível de análise. Não é à toa que estudos clínicos de pacientes com alto grau de disfunções possibilitaram o entendimento do funcionamento tido como normal⁴¹ de nossa psique. Por isso, também podemos aplicar as teorias

⁴¹ A difícil definição psicanalítica do que seria um comportamento “normal” ou “patológico” reaparece na *Análise do caráter*, embora Reich, ao definir a couraça de caráter e subdividir neuroses de caráter e neuroses sintomáticas, em que os sintomas são colocados como parâmetro para distinguir os dois tipos de neurose, não coloque claramente o que caracterizaria um comportamento como patológico. Neste sentido, passamos ao largo de uma classificação definitiva dos trejeitos de Baudelaire, pois “às vezes, os sintomas se tornam tão entranhados na personalidade que parecem traços de caráter.” (REICH, 1998, p. 55). Com isso, em se tratando de caráter, seria difícil classificar algo como patológico nos pacientes em terapia, muito menos no caso de interpretação da obra de um poeta. Voltaremos a esse assunto.

psicanalíticas na compreensão de campos que se distanciam da “terapia”; no caso da análise benjaminiana, o estudo estético da criação poética.

Neste sentido, Walter Benjamin observa, nos relatos dos contemporâneos de Baudelaire sobre seu comportamento, alguns trejeitos que remetem ao caráter, ou melhor, à couraça com que o poeta se defende⁴². Na tentativa de caracterizar e reconstruir uma imagem do poeta, Benjamin faz referências a percepção de quem acompanhou de perto seu cotidiano. Em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, comenta:

Vallès deixou testemunho do seu jogo de feições excêntricas; Pontmartin, baseando-se num retrato de Nargeot, chega à conclusão de que o rosto de Baudelaire foi confiscado; Claudel acentua o tom cortante que o caracterizava nas conversas; Gautier fala dos “espaçamentos” a que Baudelaire gostava de recorrer quando recitava poesia; Nadar descreve o seu passo abrupto. (BENJAMIN, 2006, p.115).

Notamos, na excentricidade de Baudelaire, a tensão a que é acometido, seus reflexos provavelmente inconscientes são indícios de resíduos que, segundo Anna Freud, bloqueiam, através de sua fixação, o acesso ao mecanismo específico de defesa que o ego utiliza para proteger-se. A dificuldade de compreensão do analista reside no fato de que tais “fenômenos de defesa permanentes” não podem ser emparelhados com a ocorrência intermitente das pulsões e afetos. Nesse sentido, compreender a origem exata das feições excêntricas e confiscadas, dos espaçamentos e tons cortantes de sua fala, seria uma tarefa certamente impraticável. Contudo, tais elementos demonstram um complexo incomum de personalidade que chamou a atenção de Benjamin, por apresentarem, em sua totalidade, uma rejeição e, conseqüentemente, um conflito, uma luta:

Baudelaire fixou esta descoberta numa imagem crua, a do duelo em que o artista, antes de ser vencido, dá um grito, assustado. Este duelo é o próprio processo de criação. Baudelaire inseriu assim a experiência do choque no âmago de seu trabalho artístico. Este testemunho sobre si próprio, confirmado por vários contemporâneos, é da maior importância. Vendo-se assim entregue ao susto, é natural que Baudelaire o provoque também. (BENJAMIN, 2006, p. 115)

⁴² Longe de querer colocar Baudelaire no divã, Benjamin simplesmente sugere elementos que evidenciam traços de seu caráter.

A imagem do duelo em que o artista se encontra no momento de criação poética pode ser aproximada a um mecanismo de defesa. Não podemos negar que a constância desse duelo ajuda a forjar o caráter e a personalidade do poeta; apesar dessa constatação, não estamos habilitados a desvendar sua personalidade plenamente por falta de elementos de análise⁴³. O que nos interessa, assim como nas reflexões de Walter Benjamin, é a capacidade de elaboração dos afetos e impulsos, transformando-os em poesia. Neste sentido, resta-nos perguntar quais mecanismos o poeta utiliza para aparar estímulos indesejados.

De fato, a “sublimação” participa do processo de criação artística de Baudelaire, pois, sendo um mecanismo de transformação das pulsões do id em atividades e resultados socialmente aceitos, está presente em todo empreendimento cultural e civilizatório. Outro mecanismo provavelmente utilizado pelo poeta é o de “isolamento”, necessário para expressar as vicissitudes dos que sofrem com as mudanças sociais de sua época e, também, a beleza estética de momentos tidos como anúncio do horror bélico do governo de Napoleão III. Marshall Berman chama-nos a atenção para a imparcialidade e falta de contestação com que Baudelaire descreve a celebração e preparativos militares que resultaram na morte de 25 mil parisienses⁴⁴. Mas, antes de tirarmos conclusões sobre o posicionamento de Baudelaire em relação às imposições sociais, façamos uma breve digressão para esclarecer os critérios de “normalidade” do indivíduo diante das tensões sociais; bem como o contexto em que viveu o poeta e as afetações psicológicas desse período.

3.2. Critérios de normalidade

Pensar em normalidade comportamental é o mesmo que pensar em valores morais. Como a moral se relativiza de acordo com os costumes de cada cultura ou sociedade, encontrar um parâmetro indiscutível de normalidade se torna tarefa

⁴³ Os indícios biográficos de contemporâneos e retirados da análise da obra certamente são escassos para a reconstrução da “singularidade” baudelaireana; em contrapartida, auxiliam na compreensão do sujeito e poeta “histórico”, que participa de uma tradição.

⁴⁴ Mas tudo isso são meras especulações, pois sabemos que as afetações advindas do exterior do indivíduo podem tanto causar impacto devido ao estado “sublime” do evento presenciado, quanto às conclusões posteriores de uma análise política e moral dos fatos.

impraticável. Todavia, a necessidade de um alicerce para futuras indagações levamos a discorrer sobre o assunto.

A própria palavra normalidade compõe-se do radical “norma”, que implica valoração. Diante disso, para relacioná-la a outros temas tratados neste trabalho, propomos a reflexão sobre dois critérios que, na psicologia, são muito recorrentes: o “ajustamento pessoal” e a “integração da personalidade”.

O primeiro refere-se a uma adaptação ao meio em que o indivíduo é inserido. Quando ele cumpre suas tarefas de modo “harmonioso” e “pragmático”, com as exigências internas e externas, dizemos que é um membro “ajustado” e um “modelo padrão” da sociedade, em que a uniformidade representaria a medida de uma sociedade sem conflitos e a categoria de indivíduo (com seus dramas psicológicos) desaparece em um diluir-se na totalidade do grupo social. A grande dificuldade na utilização desse critério é saber se realmente o sujeito se realiza e se potencializa em toda sua capacidade enquanto ser humano. Isso porque o ato de adaptar-se pode implicar em renúncia da auto-realização de cada um de nós.

O segundo critério, a integração da personalidade, vincula-se aos trabalhos de Sigmund Freud no que se refere ao dinamismo da tripartição do aparelho psíquico, isto é, ao equilíbrio mútuo das instâncias de nossa mente. Mas, para isso, o sujeito precisa de uma compreensão muito elevada de si mesmo, um zelo com a máxima “conheça-te a ti mesmo” a fim de perceber as nuances de seu inconsciente e dominar suas pulsões:

Num nível psicológico, a eficácia da integração é avaliada em função da coordenação de pensamento, sentimento e ação; de liberdade com relação a conflitos internos perturbadores e com relação à defesa rígidas; da “atitude aberta” para novas experiências; da adequação do ajustamento ao ambiente. (COLEMAN, 1973 p.19)

As consequências desse equilíbrio também trariam para o sujeito uma boa condução em sua interferência na ordem social, suas ações teriam o aprumo de uma mente consciente de si, em que a reflexão e a percepção dos dados do mundo mostrariam o melhor caminho, bastando a cada um a decisão, a escolha de trilhá-lo ou não. Seria essa uma ideia de sabedoria para Freud?⁴⁵

⁴⁵ Sobre esse assunto é importante salientar que a grande maioria dos médicos e terapeutas visa somente à estabilidade das paixões, uma *ataraxia* desvinculada da sabedoria. Gerard Lebrun lembra-nos que “nossos atuais médicos da paixão não têm mais como objetivo tornar o indivíduo mais sábio ou virtuoso, mas simplesmente adaptá-los à vida, libertando-o de suas inibições e angústias. Resta-nos apenas curar os doentes e tratar deles, é

Ao transpormos tais critérios para as tensões da vida moderna, notamos que o ajustamento pessoal traria ao individuo uma vivência alienante e sem riscos, enquanto a integração da personalidade dificilmente seria praticada. É inegável que, na Modernidade, o sujeito precise de uma força de adaptação muito maior do que nos períodos que a antecederam. Quanto maior a mudança social, maior a “necessidade” de adaptação do individuo. Nesse sentido, um aumento da alienação também apresenta dados significativos. Mas o que dizer sobre a integração da personalidade? Como vimos, ela sofre diminuição significativa no domínio social e os efeitos são os aumentos da prostração melancólica, da angústia e de casos clínicos.

Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que a atitude mais louvável do homem moderno seria caracterizada pela sua resistência, apesar de todas as moléstias advindas da tentativa de viver seu tempo sem negá-lo. A perda da capacidade de integrar sua personalidade e a sujeição a fobias, ansiedade e angústia não diminuiria seu valor enquanto agente histórico. Assim, quando pensamos em termos de equilíbrio e imperturbabilidade para julgar as ações do homem moderno, corremos o risco de não compreender o valor daqueles que, apesar dos reveses, insistem em viver sua modernidade, pois não existe um modelo ideal de homem como na antiguidade, muito menos um “ideal de homem moderno” para que comparemos com os casos estudados.

Uma coisa é certa: a modernidade trouxe consigo uma maior repressão do individuo e aqueles que apresentaram e apresentam, nos dias de hoje, dificuldade de “adaptação” foram e estão mais sujeitos ao desequilíbrio do funcionamento psíquico. De fato, o homem na modernidade se tornou mais doentio, mas a comparação com períodos anteriores deve ser feita, no que tange às patologias psíquicas, somente como diferenciação. O julgamento, ou melhor, a valoração de suas ações, deve ser enquadrada na nova ordem social que se apresenta, pois, se assim não for, não observaremos os fatos desse período com olhos modernos⁴⁶.

ainda uma antropologia que, animada por esse espírito, escolhe, de início, considerar *patológica* a paixão, independentemente de suas intenções libertadoras” (LEBRUN, 2006, p. 394). A esse respeito, é curioso que cada vez mais são os psicanalistas e os terapeutas que monopolizam as orientações éticas do sujeito moderno.

⁴⁶ Com relação à responsabilidade ética, a história é outra. Apesar da compreensão que possamos ter para com o aumento das patologias na modernidade, um individuo, tido como normal, que comete um crime, deve ser culpabilizado e sua punição deve ser o cárcere, não a clínica: “Vivemos em uma época em que o crime passional é uma circunstancia atenuante. Essa noção, que segundo Foucault foi forjada por hábeis advogados no fim do século XVIII, floresceu graças ao romantismo. Resistiu durante a época vitoriana e incorporou-se aos nossos hábitos. Considera-se que uma pulsão *demasiado forte* diminui minha culpabilidade.” (LEBRUN, 2006, p. 390).

Neste sentido, ao pensarmos nas “excentricidades” de Baudelaire, não podemos, com isso, diminuir seu valor enquanto poeta e muito menos enquanto sujeito histórico, porque, se a modernidade estimulou, nele, uma reação em trejeitos, também o foi em beleza poética, o que é prova de uma grande vitória.

3.3. O mal-estar na modernidade

*O preço da civilização é a neurose.*⁴⁷

Dante Moreira Leite

A Modernidade, entendida como o desdobramento dos avanços tecnológicos, políticos e sociais ocorridos durante as revoluções do século XVIII e XIX, pode ser caracterizada pelos conceitos em voga nesse período. No livro *A era das revoluções*, de Eric Hobsbawm, encontramos o seguinte apontamento sobre a cunhagem e reutilização de algumas palavras:

As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto que os documentos. Consideremos algumas palavras que foram inventadas, ou ganharam seus significados modernos, substancialmente no período de 60 anos de que trata esse livro [1789-1848]. Palavras como “indústria”, “industrial”, “fábrica”, “classe média”, “classe trabalhadora”, “capitalismo” e “socialismo”. Ou ainda “aristocracia” e “ferrovia”, “liberal” e “conservador” como termos políticos, “nacionalidade”, “cientista” e “engenheiro”, “proletariado” e “crise” (econômica). “Utilitário” e “estatística”, “sociologia” e vários outros nomes das ciências modernas, “jornalismo” e “ideologia”, todas elas cunhagens ou adaptações deste período. Como também “greve” e “pauperismo”. (HOBBSAWM, 2001, p. 17).

Tomemos algumas delas como mote: com o avanço da “indústria” e da produção de bens de consumo, outros setores da sociedade também sofreram uma aceleração em sua prática diária. A necessidade de diminuir as distâncias e as barreiras comerciais disseminou pelo planeta a construção de “ferrovias”, portos e estradas, minimizando assim o tempo de espera em nome do progresso. No ritmo da produção em série das “fábricas”, a sociedade cada vez mais se especializava para

⁴⁷ Comentário de Dante M. Leite sobre as conclusões a que chega Freud sobre as repressões do indivíduo em sociedade.

obter o máximo de rendimento com o mínimo de tempo. O modo de vida “utilitário” e a necessidade do acesso à informação transmitida pelo “jornalismo” se tornaram norma para o homem de negócio, reproduzindo burocraticamente a “ideologia” positiva de *ordem e progresso*. O preço a ser pago foram as revoltas da “classe trabalhadora”, que, intolerante quanto à miséria em que vivia, ameaçava os ricos industriais com greves e organizava-se em sindicatos para reivindicar melhores condições de trabalho. É nesse contexto que uma turba de miseráveis, um *cafarnaum* de indivíduos “paupérrimos” depositava suas esperanças nas revoluções.

As frustrações decorrentes das mais variadas desilusões, desde o começo dessas mudanças, geraram, no campo da arte e nos espíritos críticos, capazes de sublimar tais afetações sociais, nostalgias que deram origem a movimentos como o romantismo, um “sintoma” social causado pelo exagero repressivo no qual o indivíduo se encontrava. Na população em geral, essa repressão era evidente, como, por exemplo, no aumento do número de casos de histeria. Não foi à toa que, nesse período, estudos psiquiátricos ganharam bastante relevância no tratamento dessa e de outras patologias. O surgimento posterior da psicanálise confirmaria a necessidade social de dar respaldo aos indivíduos que não se enquadravam à “moral racionalista”⁴⁸, com suas exigências cada vez mais repressoras e ao modo de vida derivado das mudanças sociais e econômicas, ou melhor, do novo “modo de produção” característico da revolução industrial. Inevitavelmente, a complexidade das mudanças ocorridas na modernidade gerou nos pensadores que se debruçam no trabalho de compreender a cultura certo pessimismo quanto à corrida desenfreada e acrítica das descobertas científicas. É dentro dessa perspectiva que, questionando a ideologia do “progresso” à custa do desamparo e da infelicidade do indivíduo, Freud, em *O mal-estar na civilização*, problematiza o avanço científico e tecnológico da seguinte maneira:

Mas aqui se ergue a voz da crítica pessimista, lembrando que a maioria dessas satisfações segue o modelo do “prazer barato”, que é louvado numa certa anedota. Ele consiste em pôr fora da coberta uma perna despida, numa noite fria de inverno, e em seguida guardá-la novamente. Não havendo estradas de ferro para vencer as

⁴⁸ Sabemos que no período do surgimento da psicanálise também existia uma excessiva repressão religiosa que privava o indivíduo da satisfação libidinal, exemplificada pelos vários casos de histeria que tinham como causa a repressão sexual das mulheres. Quanto a isto, não faremos nenhuma explanação, pois nosso intuito é particularmente voltado para as ideologias seculares, embora saibamos que ideologias religiosas e seculares possam caminhar juntas na busca de um mesmo objetivo.

distâncias, o filho jamais deixaria a cidade natal, não seria necessário o telefone para ouvir-lhe a voz. Sem os navios transatlânticos, o amigo não empreenderia a viagem, e eu não precisaria do telégrafo para acalmar minha inquietação por ele. De que nos serve a diminuição da mortalidade infantil, se justamente ela nos força a conter enormemente a procriação [...]? (FREUD, 2011, p. 32)

Voltando os olhos para os primórdios da civilização, na tentativa de compreender a modernidade, podemos notar que a grande tarefa da humanidade foi lutar para superar as dificuldades impostas pela natureza. Ao mesmo tempo em que se desenvolvia, a civilização impôs severas restrições ao fluir instintivo do homem. Na intenção de vencer as intempéries do meio, a humanidade procurou viver em grupos, restringindo, assim, a liberdade de cada um. O indivíduo, portanto, passou a ser regulado e condicionado pelas leis sociais, para garantir a ordem da vida grupal, em detrimento das satisfações individuais que se chocavam com os interesses da manutenção de um organismo coeso em um único e mesmo objetivo de sobrevivência. É nesse sentido que Freud discorre sobre o tema, identificando um mal-estar perene em toda civilização. Observemos o problema em suas próprias palavras:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (FREUD, 2011, p. 41)

Tomando como premissa a história da civilização e seu policiamento dos instintos humanos, Freud constatou que inexoravelmente a repressão dos desejos do indivíduo será cada vez maior, com isso, as neuroses, fruto dessa repressão, também crescerão na mesma proporção. O peso e a angústia de viver em sociedade, próprios de cada sujeito, seria a percepção dessa inevitável condição. Os indivíduos estariam, portanto, fadados a conviver com a exasperação das neuroses, caracterizadas como efeitos colaterais da estrutura social⁴⁹.

⁴⁹ Neste sentido, é interessante notar a semelhança da aquisição do superego nas primeiras fases da vida do indivíduo com o surgimento da civilização na história da humanidade, ambas apresentando importantes mudanças na complexidade do desenvolvimento tanto individual quanto social.

Notamos que as reflexões sobre a civilização empenhadas por Freud, apesar do enorme auxílio para sua compreensão, não visam especificamente à análise da modernidade, embora não sejam alheias a ela. Suas especulações conduzem o raciocínio por toda a história da civilização. Para elucidar o “mal-estar na modernidade”, em que se insere a poética de Charles Baudelaire, é relevante recorrermos a pensadores cujo objeto está pautado, principalmente, neste período e em seus desdobramentos. Neste sentido, é com os Frankfurtianos que encontramos maior substancialidade para pensar a modernidade. Segundo eles, especialmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, na Modernidade as exigências individuais ganharam ainda mais força, devido à *razão instrumental* que visa somente à técnica em prol de propósitos práticos, sem se perguntar sobre a finalidade de tais propósitos, o que levou o homem moderno a uma condição cada vez mais alienante:

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. (HORKHEIMER, 2002, p.7)

Neste sentido, os “meios” ganharam mais atenção do que os “fins”, isto é, os instrumentos, que potencializam as ações dos indivíduos, passaram a ser vistos como algo de maior importância do que propriamente os objetivos que eles executam⁵⁰. Utilizando uma imagem muito representativa da Modernidade, Max Horkheimer, elucidava a absurda relação do homem deste período com a técnica, para ele: “A máquina expeliu o maquinista; esta correndo cegamente no espaço”. (HORKHEIMER, 2002, p.133). Em “Educação após Auschwitz”, um dos capítulos de *Educação e emancipação* (2003), Theodor Adorno, sobre este mesmo tema, afirma:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios — e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana — são fetichizados, porque os fins — uma vida humana digna —

⁵⁰ A esse respeito, não podemos deixar de ressaltar que no texto “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, Walter Benjamin utiliza a expressão “tagarelice” para denotar a linguagem como “meio” e “fim em si mesmo”: “Ao sair da pura linguagem do nome, o homem transforma a linguagem em meio (a saber, meio para um conhecimento que não lhe é adequado), e com isso a transforma também, pelo menos em parte, em *mero signo*” (BENJAMIN, 2011, p. 68).

encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 2003, p. 131)

Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que os efeitos tanto do aumento da repressão instintiva, sinalizados por Sigmund Freud, quanto da inversão da primazia dos fins sobre os meios, aos quais se referem Adorno e Horkheimer, é prova de que a humanidade, apesar do desenvolvimento técnico que adquiriu ao longo de sua história, ainda procura, de maneira bitolada, vencer as dificuldades impostas por uma natureza que força os seres a se superarem para se manterem vivos. A grande ironia disso tudo é que, devido à instrumentalização da razão, nesse processo de busca pela emancipação o homem se tornou mais neurótico e alienado.

3.4. Dandismo e resistência

O dandismo é um sol poente; como o astro que declina, é soberbo, sem calor e pleno de melancolia.

Charles Baudelaire

Nos textos em prosa de Baudelaire encontramos uma atenção especial à personalidade do dândi. Não somente ele, também Balzac e D'Aurevilly se debruçaram sobre o tema para compreender o novo tipo de doutrina que surgiu como expressão e resistência do indivíduo diante das alterações sociais: o dandismo. Já Walter Benjamin, seguindo os passos de Baudelaire, aproveitou das características descritas por este, sobre o dândi, para dar corpo as suas reflexões acerca do homem moderno ao mesmo tempo em que formulava seu conceito de experiência de choque. Portanto, vejamos esse percurso mais detalhadamente.

A figura do dândi se impõe nas obras de Baudelaire como o último manifesto de altivez de uma classe que declina, nivelando-se a outras por força da democracia. Seu caráter de resistência, praticada em oposição ao trivial, procura cultivar o indivíduo em tudo que o destaca da vulgaridade. “são todos representantes do que há de melhor no orgulho humano, dessa necessidade, bastante rara nos homens de hoje, de combater e destruir a trivialidade” (BAUDELAIRE, 1988, p. 16).

Sendo assim, o dandismo representa uma doutrina que busca manter a nobreza de uma aristocracia em ruína.

Baudelaire, no ensaio *O pintor da vida moderna* (1988), aproxima o dândi do estoicismo devido à imparcialidade e apatia com que ele se relaciona, isto é, pela indiferença diante do corriqueiro. Suas aspirações são sempre outras do que a maioria dos homens. No entanto, tais semelhanças remetem apenas à superficialidade do comportamento, o que os estoicos chamavam de *ataraxia*, a imperturbabilidade e serenidade da alma, só podiam ser atingidas pela compreensão profunda da existência humana, ideia que se confunde com a sabedoria: “Não é invulnerável o que não é ferido, mas o que não pode ser ofendido: por este sinal reconhecerei o sábio...” (SÊNECA, apud MONDOLFO, ..., p. 197).

No caso do dandismo a preocupação maior é com a toalete e sua imperturbabilidade se refere mais aos gestos e bons modos da etiqueta, ou melhor, da pequena ética. “Segundo nosso honrado amigo, E. de G. , isso significaria: a nobreza transportada para as coisas”. Isto porque, “A vida elegante é, pois, essencialmente a ciência das boas maneiras” (BALZAC, 2009, p. 33). Neste sentido, o culto de si mesmo ganha status de lei sobre seu comportamento. Um individualismo pouco conhecido na antiguidade. A expressão que melhor simboliza este tipo de imperturbabilidade é a francesa “blasé”, que significa “estragar”, “corromper”, ganhando significado figurado de “embotamento” e algo “calejado”.

Ora, o desinteresse com que o dândi se comporta diante dos excessos da modernidade tem estrita relação como a experiência do choque. O embotamento de sua expressão blasé são reflexos dos bombardeios de estímulos do período em que vive, que diferentemente do sábio estoico não dispõe de tempo necessário para ruminar, elaborar e assimilar o vivido.

Não podemos deixar de notar que apesar de toda a diferença com o sábio da antiguidade, Baudelaire observou com perspicácia os desafios deste herói moderno. “Para Baudelaire, o *dandy* era descendentes de grandes antepassados”, o que simbolizava “o último vislumbre de heroísmo em tempos de decadência” (BENJAMIN, 2006, p.97). Dentre seus personagens ele representa o herói da ociosidade, pois

A modernidade é o seu destino fatal. Nela, o herói não está previsto, ela não sabe o que fazer com este tipo de homem. Prende-o para sempre a um porto seguro; entrega-o a uma eterna ociosidade.

Nesta sua derradeira encarnação, o herói surge como *dandy*.
(BENJAMIN, 2006, p.96)

Diante dos desafios da Modernidade, quais seriam os riscos para o equilíbrio psíquico do herói moderno? A consciência do dandismo é a mesma que Baudelaire tinha de si enquanto poeta. Ambos detentores do fardo de não poderem debandar em uma derrota anunciada. Por isso, a melancolia, por isso, a angústia.

3.5. Melancolia e angústia

Todo história é remorso

Carlos Drummond de Andrade

...quanto mais profunda for a angústia, maior será o homem...

Soren Kierkegaard

Começamos esta etapa por discernir, dentro da temporalidade, os conceitos de melancolia e angústia. A primeira, apresentada como uma espectadora que viaja de costas em direção a seu destino, observando tudo que fica para trás com olhos atentos e nostálgicos⁵¹; a segunda, uma consciência que devora e absorve receosamente tudo que se apresenta diante de si. Por conseguinte, se imaginarmos as duas perspectivas em um único indivíduo notaremos que passado e futuro se fundem no presente de sua psique: Lembranças, traumas e remorsos, isto é, o passado traduzido pelo nome de melancolia; e, em contrapartida, aflições, temores e anseios, como derivados da angústia.

Novamente o tempo e a apreciação que fazemos dele se coloca como a pedra angular de nossa análise. Ao transpor tais afetações para a poesia e prosa de Baudelaire, podemos dizer que a temática da melancolia, que domina seus

⁵¹ Sobre o tema, recordemos as alusões feitas por Benjamin acerca do quadro *Angelus Novus* de Paul Klee: “Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruínas sobre ruínas e as dispersas a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (BENJAMIN, 1994, p. 226)

discursos, não apresenta força onipotente sobre seu ser e que a angústia, embora não formulada como tema preponderante, alicerça suas perspectivas de futuro e modernidade.

Como a experiência de choque baseia-se na tensão entre estímulos e aparelho psíquico no tempo real e da expectativa do porvir, ela é mais devedora da angústia do que da prostração melancólica. Muitos trabalhos foram feitos visando à relação da poesia de Baudelaire com a melancolia, como exemplo podemos citar o livro *A melancolia diante do espelho* (2014), de Jean Starobinski, e *O tempo e o cão* (2009), de Maria Rita Kehl. Mesmo Walter Benjamin, ao desdobrar as ideias do poeta, não se demora nesse conceito, os ensaios do projetado livro *Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado*, em que o filósofo cunha o conceito de experiência de choque, não traz uma análise pormenorizada que garanta a identificação da angústia com a criação poética de Baudelaire. Neste sentido, para que não fique dúvidas acerca da extensão do significado e da importância do conceito de angústia e a sua distinção referente à melancolia, a fim de compreendermos melhor a experiência de choque baudelaireana, analisemos mais minuciosamente cada um deles, dentro do contexto e da tradição em que o poeta (Baudelaire) e o crítico (Benjamin) são inseridos.

O que se apresenta como denominador comum na história do conceito de melancolia é a ideia de desacordo do sujeito, atribuída a uma nostalgia por um tempo de plenitude. Incapacitado de se ajustar diante à opressão externa que furta sua completude, ele sucumbe ao tédio. Na antiguidade esse desacordo era associado ao destemperamento dos humores⁵² que ordena a disposição do organismo. O excesso de bile negra, referida como *spleen* na modernidade baudelaireana, seria a causa fisiológica da prostração do melancólico. Quanto a isso, faz-se relevante lembrar que etimologicamente este conceito é derivado de dois outros: “mélas” que em grego significa “negro” e “kholês” que significa “bile”.

Em decorrência da contemplação advinda da prostração do melancólico, houve uma associação entre as características da melancolia com a capacidade sensitiva de compreensão de fatores externos ao sujeito, não identificados por indivíduos comuns; ou melhor, uma consciência peculiar devido a capacidade de

⁵² A teoria do temperamento, atribuída a Hipócrates (sec. V e IV a.C.), era fundamentada na disposição de quatro humores: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, que garantia o funcionamento saudável do organismo quando equilibrados.

(re)presentar e simbolizar o passado e de identificar sua influência na realidade presente. Tal capacidade, via de regra, é possível pelo conhecimento e pela atenção dada àquilo que se passou e que, portanto, pode ser mais facilmente expresso e verbalizado:

Prisioneiro de uma idealização do tempo passado, o melancólico sofre, na pele e na alma, de um mal-estar que provém da consciência demasiado aguçada de sua situação: apanhado entre um passado que o atrai com a (falsa) promessa da prazerosa satisfação total do desejo [...]. (LAGES, 2002, p. 63)

No Romantismo o sujeito melancólico é afetado constantemente pelas ruínas do passado (aquilo que se perdeu), por isso o lamento coerente a essa afetação, um sentimento ao mesmo tempo degradante e ruinoso. De fato, tal sentimento gera uma compreensão intelectual do passado e, conseqüentemente, também traz consigo uma maior consciência do presente. Assim, a manifestação melancólica também carrega em si outra faceta, a denúncia de um estado, isto é, a percepção e expressão da condição do indivíduo em um tempo determinado.

Já o conceito de angústia cujo radical latino denota estreiteza, aperto, situação crítica ou difícil, perigo, estabelece o sentido de uma inquietação diante do indeterminado. Extremamente enfatizado pelos filósofos existencialistas este conceito expressa a condição humana, isto é, a situação do homem perante a existência. Devido à consciência da imprevisibilidade do futuro, para o bem ou para o mal, o homem se encontra a mercê da contingência. Assim, a única atitude a ser tomada quanto aos infortúnios da sorte é estarmos preparados para eles, isto é, nos angustiando.

Como vimos no capítulo anterior, ao tratar da distinção entre angústia, medo e terror, feita por Freud em *Além do princípio do prazer*, o estado de angústia pode garantir a preservação da integridade do aparelho psíquico, quando o indivíduo, depois de atentar para os sinais de sua percepção e de seu inconsciente, se prepara para a ameaça que o aflige, mesmo desconhecendo conscientemente a causa dessa aflição, evitando assim a experiência traumática. Portanto, tal sensação não apresentam características patológicas, diferentemente da ansiedade própria do indivíduo que por excesso de estímulos imediatos se encontra a todo o momento bombardeado por elementos invasivos e perniciosos e também dos indivíduos traumatizados que sem estarem psicologicamente preparados foram sujeitos a

experiências impactantes. Sobre esse assunto Maria Rita Kehl faz uma relação da angústia com a experiência do choque de Walter Benjamin:

No enfrentamento com a angústia, único afeto destituído de representação no domínio das formações imaginárias, pode-se encontrar a resposta para a pergunta de Benjamin sobre as condições da poesia lírica em um mundo em que o choque se tornou norma. [...] Suponhamos que Baudelaire, ao expor-se à angústia e sacrificar o gozo da vida imaginária -portanto, melacolizar-se-, tenha de fato extraído dessa vivência restrita o material de sua monumental poesia. (KEHL, 2009, p.183)

Neste trecho de *O tempo e o Cão*, a autora sugere um caminho que responderia às indagações de Walter Benjamin sobre a relação entre a poesia de Baudelaire e o apagar de estímulos, isto é, a experiência do choque. Tal caminho seria a observação da criação poética de Baudelaire a partir do conceito de angústia. Nestes moldes a angústia se assemelharia a um mecanismo de defesa, também utilizado pelo aparelho psíquico para sua preservação.

No trabalho de Anna Freud *O ego e os mecanismos de defesa*, há uma aproximação dos mecanismos de defesa e a angústia. Numa interpretação mais recente desta sensação, ela a classifica como efeitos dos “perigos pulsionais contra os quais o ego se defende” (2006, p. 47). Fazendo distinção entre Angústia do superego, Angústia objetiva e Angústia pulsional, expõe os diferentes motivos que a desencadeiam, todos eles vinculados à relação defensiva do ego contra as pulsões.

Como *Angústia do Superego* entende um conflito entre o ego e o superego. O ego, responsável por acatar as objeções do superego, se constrange perante a severa imposição: “A pulsão é considerada perigosa, porque o superego proíbe a sua gratificação e, se alcançar seu objetivo, certamente provocará grandes problemas entre o ego e o superego” (2006, p. 45), daí sua angústia. Já a *Angústia Objetiva* é referente a um elemento externo, uma reprovação ou imposição que se manifesta fora do aparelho psíquico. Anna Freud, referindo-se ao desenvolvimento da criança, comenta: “O ego infantil teme as pulsões porque teme o mundo exterior. Sua defesa contra elas é motivada pelo medo do mundo exterior, isto é, pela angústia objetiva” (2006, p.47).⁵³ Por fim ela classifica outro tipo de angústia, a *Angústia Pulsional* (medo da força das pulsões), devido a sua relação direta com as

⁵³ Esse tipo de angústia, na linguagem de Sigmund Freud, é conhecido como “medo”, isto é, um estado de reação a um perigo determinado, diferentemente do que ele denomina por “angústia”, uma sensação indeterminada, sem causa conhecida.

pulsões, pois nem sempre o ego se encontra em situação amistosa com os impulsos do id.

Para uma melhor fruição do nosso trabalho optamos por utilizar, no que se refere à angústia e seus desdobramentos, os conceitos de Freud e de Anna Freud, por acreditarmos que em vários aspectos eles se complementam no que concerne à interpretação que pretendemos doravante desenvolver sobre a experiência do choque e sua relação com a criação poética de Baudelaire.

3.6. Angústia e realidade

Benjamin compreende a lírica baudelaireana como herdeira do romantismo e anunciadora da Modernidade, entendida como o tempo presente em que viveu o poeta. Este julgamento só pode ser interpretado através de uma atenção prévia ao espaço (geografia) e ao tempo (história) que influenciaram na elaboração de *As Flores do mal*. Como vimos anteriormente, a Europa vinha de uma transformação radical dos modos de produção que influenciaram todas as camadas sociais. Para situar suas análises no seio destas transformações, Walter Benjamin recorreu principalmente a Karl Marx e Friedrich Engels, autores cujos relatos são sincrônicos às transformações francesas da época. O primeiro ensaio de *Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado*, no qual o título “A Bohème” remete à região onde se encontravam os conspiradores profissionais, Benjamin diz que “Se quisermos trazer ao presente a fisionomia de Baudelaire, teremos de falar das semelhanças que ele evidencia com esse tipo político.” (BENJAMIN, 2006, p. 13). Tal relação demonstra a importância dos acontecimentos sociais na caracterização do sujeito e conseqüentemente de sua obra. Por isso, julgamos importante elucidar as características do Realismo, que em literatura é a expressão estilística, intencional ou não⁵⁴, dos conflitos sociais.

Esta literatura que se originou principalmente em solo francês era comprometida com as mudanças sociais, tanto nos costumes quanto na denuncia da desigualdade social. Sobre estes temas Eric Auerbach faz uma alusão esclarecedora sobre o escritor Balzac, um dos ícones do Realismo Francês:

⁵⁴ Pensamos que, independentemente das tendências filosóficas da época, a simples atenção do olhar já é indício de mudança nas constatações dos fenômenos sociais.

Ele não somente localizou os seres cujo destino contava seriamente, na sua moldura histórica e social perfeitamente determinada, como o fazia Stendhal, mas também considerou esta como necessária: todo espaço vital torna-se para ele uma atmosfera ético-sensível, cuja paisagem, habitação, móveis, acessórios, vestuário, corpo, caráter, trato, ideologia, atividade e destino permeiam o ser humano, ao mesmo tempo que a situação histórica geral aparece, novamente, como atmosfera geral que abrange todos os espaços vitais individuais. (AUERBACH, 1971, p. 413).

Independentemente dos extremos das descrições espaciais e do positivismo com que buscavam mostrar objetivamente o fenômeno social, podemos dizer que, neste novo estilo surgido em território francês, a preocupação de mostrar a situação de todas as classes sociais de forma coerente transformou profundamente a literatura, trazendo aos leitores uma nova perspectiva da realidade. Neste sentido, notamos que Baudelaire se encontra na zona intermediária do Romantismo e do Realismo. Sua ânsia de captar no efêmero e circunstancial a modernidade e a atitude de não se caracterizar simplesmente como renúncia apática, mas acima de tudo a tentativa de dar forma e simbolizar os fenômenos vividos e presenciados são efeitos das duas abordagens.

Ele identificava no transitório uma ligação com o eterno (elo entre os tempos verbais), assim como os românticos que, buscavam e ansiavam o infinito por intermédio da constituição finita do homem⁵⁵, de modo paradoxal, pretendia se “tornar” clássico a partir de sua modernidade. Aqui, nota-se um projetar, um lançar-se conscientemente ao futuro: a angústia.

No ensaio *O pintor da vida moderna*, Baudelaire expõe uma ideia de arte que transita pelo circunstancial (finito) e pelo eterno (infinito):

A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável. Houve uma modernidade para cada pintor antigo: a maior parte dos belos retratos que nos provém das épocas passadas está revestida de costumes da própria época. (BAUDELAIRE, 1988, p. 174).

⁵⁵ Como vimos, no pensamento do romantismo a relação entre finito e infinito, derivada da constatação da pequenez humana perante a existência, era conhecida como angústia, uma sensação de aperto diante do sublime. O que diferencia a melancolia dessa visão é a nostalgia por um tempo idealizado que só se apresenta como ruína. Apesar disso, em muitas interpretações românticas a melancolia e a angústia se confundem, no nosso trabalho procuramos evitar a ambiguidade interpretando a melancolia como efeitos do passado, ou seja, a apatia e o tédio como derivações nostálgicas e angústia como um projetar-se, uma consciência do vir-a-ser.

Baudelaire quer tornar-se um autor antigo, mas o que entende por antiguidade não corresponde aos moldes e linguagens clássicos, a antiguidade de que fala é aquela que compreende a essência de um período e, por isso, será lembrada em tempos futuros, ou seja, a consciência da importância do transitório e das particularidades desse transitório em relação com o que permanecerá. Seus poemas buscam o eterno, ou o que virá a se tornar clássico de seu período, nos detalhes da sociedade na qual vive. O cotidiano da metrópole em poemas como “A uma passante” e “O vinho dos trapeiros” caracteriza essa abordagem que utiliza o particular e transitório como *medium* para a compreensão da “substancialidade” ou a “modernidade” do período em que viveu:

Um relâmpago e após a noite! – Aérea beldade,
E cujo olhar me fez renascer de repente,
Só te verei um dia e já na eternidade?

No poema supracitado vemos que a observação do cotidiano demonstra os efeitos da aglomeração e conseqüentemente da aceleração da vida nas grandes cidades. O eu-lírico, sem perspectiva, é impossibilitado de satisfazer seus desejos pela beldade que transita diante de si. Resta, então, a contemplação e a consciência de que, paradoxalmente, as principais características da modernidade se atrelam ao fugaz, ao instantâneo e, no caso dos indivíduos, ao transitório próprio das multidões, que se ocupam com a aceleração do trabalho e da vida. A eternidade de que fala o poeta, portanto, se insere no repentino e no cotidiano da metrópole. Sobre esse assunto, comenta Benjamin:

Não há no soneto [A uma transeunte] uma única expressão, uma só palavra que nomeie a multidão. E no entanto todo o seu desenvolvimento assenta sobre ela, tal como o andamento do veleiro depende do vento.(BENJAMIN, 2006,p.119)

Já em “O Vinho dos trapeiros”, o reflexo do desenvolvimento industrial se traduz na observação da desigualdade social em que o indivíduo é lançado. O poeta descreve o trabalho indigno surgido do desenvolvimento industrial e das aglomerações das grandes cidades, bem como o torpor necessário para suportá-lo:

Estes, que a vida em casa enche de desenganos,
Roídos pelo trabalho e as tormentas dos anos,
Derreados sob montões de detritos hostis,
Confuso material que vomita Paris,

Aqui esta a grande contribuição e o que diferencia esse autor de seus antecessores românticos e idealistas, que não viam na realidade do presente a força de seu passado, mas, por estarem aprisionados nas ruínas de sua melancolia, cultuavam somente um sentimento retrógrado. Por isso, Baudelaire assume uma visão menos fatalista de seu presente histórico; ele adquire uma constituição heroica devido à angústia de resistir às alterações sociais, tentando aparar, de modo consciente, os choques da vida moderna. Servindo, assim, de apoio para pensadores de tendências materialistas, que buscam em sua poesia uma leitura subjetiva das revoluções:

Para ele [Walter Benjamin], o desacordo entre o sujeito e seu Bem (que ele não nomeia assim) desemboca na melancolia quando a falta de perspectivas, sociais ou individuais, leva o sujeito a recuar de sua via e adotar uma atitude *fatalista* diante do conflito – o que não foi, absolutamente, o caso de Baudelaire. (KEHL, 2009, p.81)

Walter Benjamin identificou em Baudelaire o arauto da modernidade não somente pela descrição de suas afetações, mas por seus temas que partiam da realidade das transformações sociais de seu tempo. A grandiosidade do poeta não se encontra somente no modo como trabalha o tema da melancolia, muito estudado por aqueles que observam apenas a superficialidade da obra, independentemente do contexto de sua feitura; mas principalmente por uma ação incisiva que se projeta como “contestação prática”, gerando tensão e angústia. Ora, prescindindo da tentativa psicanalítica de fixar patologias em autores através das obras, de acordo com o que está cifrado no discurso de Baudelaire, notamos que o sentimento de angústia está mais próximo da afetação da modernidade devido ao embate constante para nomear e plasmar, com uma linguagem atualizada, o novo período histórico. Sendo assim, para entendermos a experiência de choque, faz-se necessário uma visão do individuo em perspectiva futura, ou seja, em conformidade com os mecanismos psíquicos que o protegem, através da percepção do porvir, dos perigos externos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de acabamento é supor que algo chegou ao fim. Em se tratando de um texto, que pode reabrir infinitas chaves de leitura, este fim se apresenta como algo provisório: uma pequena síntese na totalidade de um assunto. No percurso dessa dissertação vários problemas foram levantados e a tentativa, desde o início, foi demonstrar e sugerir alternativas interpretativas, posto que o pensamento não se resume na arte de achar repostas, mas também em de colocá-las. Neste sentido, esperamos que esta síntese, assim como toda a dissertação, não conclua, mas estimule a reabertura de novos questionamentos.

Dentro dessa perspectiva, o que podemos fazer aqui é recapitular os principais tópicos e deduzir em que aspectos eles podem contribuir para a compreensão dos autores e temas estudados. No que se refere à psicanálise tentamos deixar claro suas limitações enquanto ciência, isto é, a necessidade do amparo da verificação empírica e lógica em suas suposições, formando-se assim um juízo mais elaborado e coerente; bem como, a colaboração para análise do inconsciente e seu diálogo com o texto literário (lugar da expressão subjetiva do homem).

No que se refere à permuta entre psicanálise e crítica literária, podemos dizer que, ao longo da história psicanalítica, várias foram as investigações dos textos literários na tentativa de solucionar problemas que envolviam o comportamento humano. Talvez o exemplo que mais represente esta relação seja o que resultou na formulação do conceito “Complexo de Édipo”, tirado da literatura e que se tornou um dos pilares da teoria freudiana: “Não temas o himeneu com uma mãe: muitos mortais já partilharam em sonho o leito materno” (SÓFOCLES, 1998, p.68).

Ora, seria a psicanálise, portanto, no que se refere à análise de casos clínicos (narrados pelos envolvidos), um tipo de crítica literária? Sobre isso, o cinema, utilizando de uma sutil ironia, faz, em forma de comédia, uma alusão à semelhança entre o crítico literário e o terapeuta no filme *Stranger Than Fiction* (Mais estranho que a ficção), do diretor Marc Forster, em que um personagem, criado por uma escritora e que concomitantemente vive num tempo “real”, é recomendado a

procurar um crítico literário em vez de um terapeuta para compreender as vozes que escuta.

Transpondo essas questões para o trabalho de Benjamin, o conceito de “experiência de choque” (fruto da crítica literária e muito utilizado nas pesquisas psicanalíticas⁵⁶) demonstra um intercâmbio entre a crítica literária (que assimilou e traduziu em linguagem filosófica a percepção estética da poesia baudelaireana) e a análise psicossocial do sujeito “real” que se viu exposto ao bombardeio de estímulos da vida moderna. Com isso, a ideia de perda da experiência integradora do sujeito que se potencializava no trabalho artesanal e que tinha a disposição tempo para ruminar e elaborar sua prática, tornando-se um sujeito autônomo e consciente de sua experiência, se tornou muito mais elucidativa. Assim, a ideia de alienação, desenvolvida nos estudos sobre a divisão do trabalho de Karl Marx, encontrou na interpretação própria da teoria crítica de Walter Benjamin uma nova roupagem ao aprofundar a análise dos efeitos psicológicos decorrentes das mudanças sociais. Uma leitura que veio afirmar ainda mais a denúncia dos excessos da vida moderna, bem como a diminuição da experiência e da sabedoria, o que nos leva a concluir que quanto mais tecnológico e científico se torna o sujeito moderno, menores serão suas experiências partilháveis, como vemos no questionamento do próprio filósofo em *Experiência e Pobreza*:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel de geração em geração? (BENJAMIN, 1994, p. 114)

Essa pobreza propiciou um aumento significativo de transtornos psicológicos, não é toa que o desenvolvimento da psiquiatria e posteriormente o surgimento da psicanálise são interpretados como respostas terapêuticas a esses transtornos, que por sua vez são provenientes das transformações sociais.

Sendo assim, depois de estudarmos as transformações da experiência na modernidade, notamos que o surgimento da psicanálise condiz com as mudanças sociais decorrentes do modo de produção industrial e dos ajustes comportamentais

⁵⁶ Exemplo disso é sua utilização no livro *O tempo e o cão* da psicanalista Maria Rita Kehl que expomos aqui.

dos indivíduos⁵⁷, pois aqueles que não se enquadravam no pragmatismo da nova ordem social eram e ainda hoje são tidos como “excêntricos”, “doentios” e “subversivos”. No caso daqueles cuja desordem psíquica afetou o seguimento de suas vidas, necessitou-se de acompanhamentos clínicos. Assim, o surgimento e a necessidade cada vez maior de terapias como a psicanálise se efetivou como norma nas sociedades contemporâneas.

Isto porque, com o aparecimento de novos fenômenos, somos levados a buscar novas metodologias que os expliquem. Metodologias que de certo modo já estão em potência nos próprios fenômenos, que nos ensinam como devemos olhar para eles. Portanto, podemos dizer que a modernidade, além de trazer a reflexão dialética materialista, trouxe a psicanálise, uma concepção fundamental para a compreensão do homem desse período. Um método coerente com seu tempo e que nas mãos de um crítico literário como Walter Benjamin se tornou tão atual e tão fecundo.

⁵⁷ Cabe lembrar que a análise de textos históricos como os cânones estudados por Freud não invalida a atualidade da psicanálise. A retomada interpretativa de textos históricos é e sempre será uma visão atualizada desses textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. de A. Bosi e I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. de W. L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. de V. Freitas. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

ARGAN, G. C. **Arte moderna**. Trad. de D. Bottmann e F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de G. Reale. São Paulo: Loyola, 2001. Vol. I.

AUDI, R. **Dicionário de filosofia de Cambridge**. Trad. de J. Paixão Netto *et al.* São Paulo: Paulus, 2006.

AUERBACH, E. **Mimesis**; a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Trad. de I. Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. Trad. de S. Cassal. In: **A Modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. de M. G. L. da Costa e C. M. G. L. da Costa. Rio de Janeiro: Zahar: 1998.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. Trad. de P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. de J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire, um poeta na época do capitalismo avançado. In: _____. **A Modernidade**. Trad. de J. Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965.

CAPER, R. **Fatos imateriais**. Trad. de M. F. C. Marques. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**; dos pré-socráticos a Aristóteles, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COLEMAN, J. **A psicologia do anormal e a vida contemporânea**. Trad. de D. M. Leite e M. L. M. Leite. São Paulo: Pioneira, 1973.

COPI, I. M. **Introdução à lógica**. Trad. de A. Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Trad. de J. Guinsburg e B. Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

D'ONOFRIO, S. **Pequena enciclopédia da cultura ocidental**; o saber indispensável, os mitos eternos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FREUD, A. **O Ego e os mecanismos de defesa**. Trad. de F. Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (I)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Trad. e notas de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, vol. 14).

_____. **O mal-estar na civilização**. Trad. de P. C. Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. **O problema econômico do masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Os pensadores**. Trad. de D. Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Projeto para uma psicologia científica**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. de M. M. Curioni e D. F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Trad. de F. P. Meuer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GAY, P. **Freud para historiadores**. Trad. de O. F. Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIACOIA, O. **Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GREEN, A. Literatura e Psicanálise: a desligação. Trad. de L. Vassalo. In: LIMA, L. C. (org). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções; Europa 1789-1848**. Trad. de M. T. L. Teixeira e M. Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **A era dos extremos; o breve século XX. 1941-1991**. Trad. de M. Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. de A. M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 2008.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor**. Coord. e trad. de L. C. Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. de P. Tamen. Lisboa: Moraes, 1970.

LAGES, S. K. **Tradução e melancolia**. São Paulo: Edusp, 2002.

LEITE, D. M. **Psicologia e literatura**. São Paulo: Ed. UNESP. 2002.

LIMA, L. C. (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MATOS, O. **O Iluminismo visionário; Benjamin, leitor de Descartes e Kant**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Trad. de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ORTEGA Y GASSET, J. **Obras completas; Tomo I**. Madrid: Alianza, 1983.

_____. **A ideia do teatro**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PLATÃO. **Fedro**. Trad. de C. A. Nunes. Belém: Universidade do Pará, 1975.

POE, E. A. O homem da multidão. In: _____. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad. de J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1986.

PROUST, M. **No caminho de Swann**. Trad. de M. Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

QUINODOZ, J. M. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**; De Freud à atualidade, vol. 7. Trad. de I. Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **História da Filosofia**; De Nietzsche à Escola de Frankfurt, vol. 6. Trad. de I. Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **História da Filosofia**; Filosofia pagã antiga, vol 1. Trad. de I. Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

REICH, W. **Análise do caráter**. Trad. de R. A. do Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RYLE, G. **Introdução à psicologia: o conceito de espírito**. Trad. de M. L. Nunes. Lisboa: Moraes, 1970.

SELIGMANN-SILVA, M. (ed.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Annablume, 2007.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. de P. Neves. Porto Alegre: L&PM, 1998.

STAROBINSKI, J. **A melancolia diante do espelho**. Trad. de S. Titan. São Paulo: Editora 34, 2014.

VEYNE, P. **Como se escreve a História**. Trad. de A. J. S. Moreira. Lisboa: Edições 70, 1971.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. de L. H. L. dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001.